



TRANSFORMAÇÕES DA MORFOLOGIA URBANA DO BAIRRO SANTA TEREZINHA NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, ALAGOINHAS - BA.

Ueslei dos Santos Souza



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS DE LARANJEIRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**TRANSFORMAÇÕES DA MORFOLOGIA URBANA DO BAIRRO SANTA
TEREZINHA NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, ALAGOINHAS - BA.**

UESLEI DOS SANTOS SOUZA

Laranjeiras - SE,
Março de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS DE LARANJEIRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**TRANSFORMAÇÕES DA MORFOLOGIA URBANA DO BAIRRO SANTA
TEREZINHA NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, ALAGOINHAS - BA.**

Autor: Ueslei dos Santos Souza

Orientador: Fernando Antônio Santos de Souza

Trabalho apresentado ao Departamento de
Arquitetura e Urbanismo como um dos
requisitos obrigatórios para aprovação na
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II,
da Universidade Federal de Sergipe.

Laranjeiras – SE,

Março de 2019

UESLEI DOS SANTOS SOUZA

TRANSFORMAÇÕES DA MORFOLOGIA URBANA DO BAIRRO
SANTA TEREZINHA NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, ALAGOINHAS - BA.

Trabalho de Conclusão de Curso I apresentado em 4 de abril de 2019
à seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza
Professor Orientador
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Ana Maria de Souza Martins Farias
Examinadora Interna
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Flávia Tauane Santos de Santana
Examinadora Externa
Arquiteta e Urbanista

Laranjeiras – SE
Março de 2019

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi construído com a ajuda de diversas pessoas que possibilitaram e estimularam o desenvolvimento desta pesquisa, de tal modo não podem deixar de ser citadas.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me dado a sabedoria para que eu pudesse concluir este trabalho diante de sua proteção espiritual.

Aos meus pais Wilson e Adalzira e minha irmã, Uinnie que me apoiou incondicionalmente o meu sonho e sempre me motivou ao longo de toda jornada até o cumprimento deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador Fernando Antônio pela paciência e dedicação de dividir seu conhecimento que contribuiu para a concretização deste trabalho. Pelos conselhos e advertências que se mostrou um como um segundo pai para mim e que em nenhum momento permitiu que eu estivesse perdido, e também por me estimular a minha capacidade de aprendizado.

A Bárbara, por ter sido uma companheira incrível, por dedicar toda atenção e carinho em todos os momentos e me confortado nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos que se tornaram uma verdadeira família durante essa formação por compartilhar momentos e experiências que tem sido única e que fizeram essa caminhada mais prazerosa. Assim como os demais amigos e familiares.

E agradeço por fim os moradores e comerciantes do Bairro Santa Terezinha que enriqueceu de forma direta o desenvolvimento deste trabalho com suas experiências de vida e fornecendo a relevância para o desenvolvimento do tema.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as transformações morfológicas urbanas nos últimos 20 anos do Bairro Santa Terezinha e sua articulação com a sede da cidade de Alagoinhas - BA, da qual faz parte. Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia utilizada foi constituída por cinco partes. Inicialmente realizou-se o levantamento sobre estudos relacionados a formação espacial, centralidade urbana e cidades médias e morfologia urbana. Em seguida buscou-se apresentar a história da cidade de Alagoinhas e seu desenvolvimento urbano a partir do seu contexto regional que favoreceu a concentração de atividades econômicas e sua influência indireta na transformação em curso observada no bairro Santa Terezinha. Para na terceira parte, foram analisados o surgimento e evolução do bairro, seguido da apresentação dos resultados dos mapas e uso do solo, levantamento fotográficos e pesquisas *in loco* tendo em vista mapear a descaracterização do bairro provocadas pela mudança de uso e identificar os comportamentos dos moradores frequentadores do bairro. Em sequência, na quarta parte, foram realizadas entrevistas com os atores sociais do local com base no uso da cartografia como forma de pesquisa qualitativa. E por último foram encaminhadas as considerações alcançadas diante dos estudos realizados e elaborados caminhos possíveis para intervenção urbana a serem adotados no bairro, tendo em vista as análises anteriores e as pistas deduzidas das narrativas.

Palavras – Chaves: Produção do Espaço Urbano; Centralidade; Morfologia da Cidade; Transformações.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização do Bairro Santa Terezinha no contexto intra-urbano.....	19
Mapa 2: Ferrovia Centro Atlântica na Bahia.....	37
Mapa 3: Alagoinhas no contexto Regional Litoral Norte e Agreste Baiano.....	38
Mapa 4: Densidade demográfica de Alagoinhas – Censo 2010.....	40
Mapa 5: Evolução urbana de Alagoinhas.....	42
Mapa 6: Principais eixos de circulação durante o séc. XIX e XX.....	44
Mapa 7 – Bairro Santa Terezinha – Uso e Ocupação do Solo	48
Mapa 8 - Mapa de identificação dos palcos de ação ao longo do eixo principal Solo.....	50
Mapa 9 - Mapa comportamental centrado no ambiente - Praça 1	51
Mapa 10 - Mapa comportamental centrado no ambiente - Praça 2	53
Mapa 11 - Mapa comportamental centrado no ambiente - Praça 3	55
Mapa 12: Inserção de Alagoinhas em seu contexto regional e nacional	68
Mapa 13: Proposta de organização do trânsito	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ruínas da Igreja Inacabada da Vila de Santo Antônio de Alagoinhas, séc. XIX..	34
Figura 2 – Estação de Alagoinhas, 1863.....	35
Figura 3 e 4 - Estação São Francisco, 1880	35
Figura 5 - Feira de Alimentos e Produtos.....	36
Figura 6 – Rua Dr. João Dantas na década 1960	45
Figura 7 – Rua Dr. João Dantas em 2018.....	45
Figura 8: Pontos comerciais no Bairro Santa Terezinha	46
Figura 9: Principais Supermercados no Bairro Santa Terezinha	46
Figura 10: Visão geral da Praça 1	52
Figura 11: Comerciantes ambulantes ocupando a praça 1	52
Figura 12: Visão geral da Praça 2.....	59
Figura 13: Presença de comerciantes – Praça 3.....	56
Figura 15: Capela Santa Terezinha – Praça 3	56
Figura 16: Vendedores na zona de calçada estendida.	70
Figura 17: Proposta para iluminação pública	71
Figura 18: Projeto Cidade da Gente em Fortaleza.	71
Figura 19: Dinâmica social durante o projeto Cidade da Gente em Fortaleza.	72
Figura 20: Rua compartilhada na Exhibition Road – Londres.	73
Figura 21: Rua compartilhada na Fort Street, Auckland – Nova Zelândia.	73

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Número de estabelecimentos por setores de atividade econômica – Bahia, TI Litoral Norte e Agreste Baiano e municípios – 2014.	19
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
2. PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E CIDADES MÉDIAS.....	24
2.1. Formação espacial.....	24
2.2 Centralidade.....	30
2.3 Morfologia	33
3. A CIDADE DE ALAGOINHAS - BAHIA	36
3.1 Breve histórico	36
3.2 Contexto Regional	39
4. BAIRRO SANTA TEREZINHA	45
4.1 O Bairro	45
4.2 Uso e ocupação do solo	47
4.3 Percepção e Comportamento	52
5. NARRATIVAS	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS POSSÍVEIS?	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
APÊNDICES	75

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as transformações morfológicas urbanas nos últimos 20 anos do Bairro Santa Terezinha e sua articulação com a sede da cidade de Alagoinhas/BA, da qual faz parte. Como objetivos indiretos deste trabalho, analisou-se a centralidade urbana regional que contribui para a transformação local; foi verificado a relação entre a dinâmica social, econômica e cultural da cidade e do bairro; e elaborados possíveis caminhos de intervenção urbana para as ruas Dr. João Dantas e Pe. Godinho, redesenhando a área e integrando sua dinâmica com as demais áreas da cidade.

O Bairro Santa Terezinha é um núcleo habitacional que tem crescido e se estruturado comercialmente como resultado do desenvolvimento da cidade de Alagoinhas, localizada na Região Econômica Litoral Norte e Agreste da Bahia (SEI, 2016). Alagoinhas é um município cuja centralidade está sob a influência de Salvador. É uma cidade média com uma forte centralidade produtiva, comercial e de serviços. A dinâmica recente, resultado das transformações produtivas em curso em todo o Brasil, tem promovido a formação, crescimento e consolidação dos bairros periféricos ao centro que deu origem a cidade, numa perspectiva de fortalecimento e autonomia do bairro que se verifica com o surgimento de atividades comerciais.

Essas transformações na centralidade espacial urbana de Alagoinhas vêm provocando mudanças significativas em sua estrutura morfológica. Nesse sentido, evidencia-se o descompasso entre as novas atividades e as demandas urbanísticas com relação a mobilidade, acessibilidade, conforto ambiental e paisagísticos, entre outras demandas. Portanto, é com foco nessas transformações da morfologia urbana do Bairro Santa Terezinha nos últimos vinte anos que se situa a pesquisa que foi desenvolvida neste trabalho de conclusão de curso.

O tema deste trabalho, portanto, é a produção do espaço urbano centralizado e as transformações na morfologia da cidade. Assim, a cidade foi abordada e fundamentada a partir do pensamento de Lefebvre (2009;1999) como uma centralidade espacial cuja materialidade é o ambiente construído físico, onde as relações dos homens com o ambiente entre si desenvolvem-se. Trata-se do espaço que concentra de forma seletiva pessoas, atividades, bens e serviços em um território

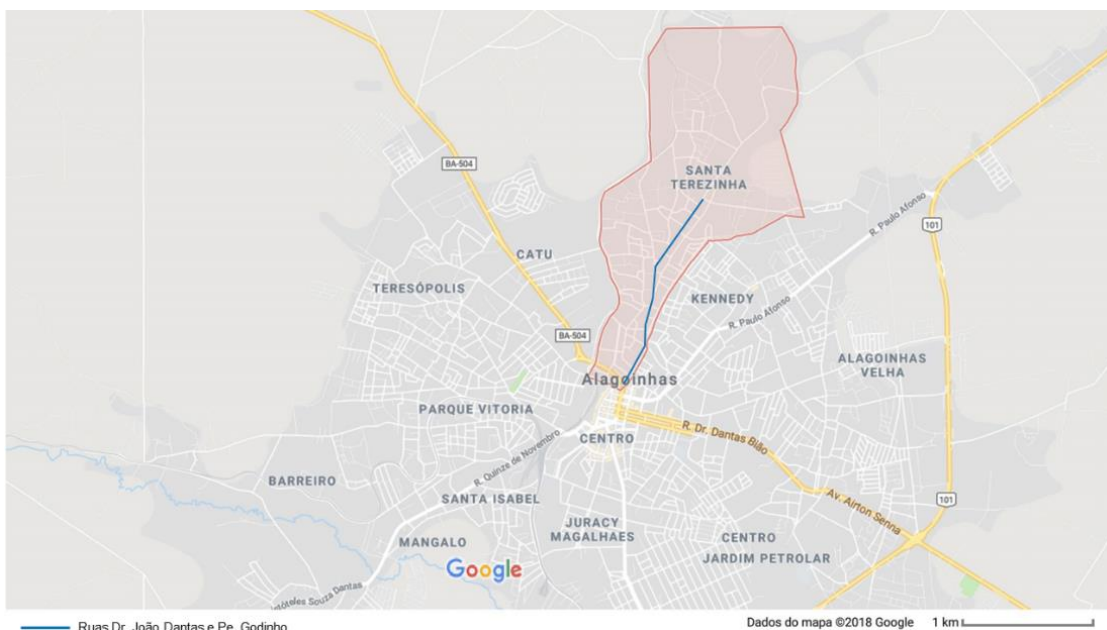
cuja morfologia acomoda as relações sociais, econômicas, políticas e culturais resultantes.

Nesse sentido, o espaço urbano centralizado se caracteriza por um conjunto de forças que modela e reproduz as relações entre a sociedade e o ambiente físico necessário ao desenvolvimento das relações que promove. A morfologia da cidade, então, é resultado da dinâmica espacial formada pelo conjunto de forças definidas historicamente.

No modelo de urbanismo capitalista, essas forças espaciais que modelam o ambiente construído da cidade possui uma dimensão cuja lógica última é a produção e acumulação da riqueza de forma privilegiada. A dimensão espacial da cidade, em última análise, tem criado um ambiente construído poli nucleado. A cidade industrial, que sucedeu a cidade centralizada colonial, cresceu a partir da formação de nucleações urbanas habitacionais, institucionais, comerciais, industriais. Na atualidade, esses núcleos, em razão da centralidade em que estão submetidos, têm se desenvolvido e se estruturado, ganhando autonomia em relação a outros centros da cidade.

Desta forma, o nosso objeto empírico ficou delimitado pela morfologia do Bairro Santa Terezinha, situado na sede de Alagoinhas/BA, como expressão do crescimento da centralidade espacial do município e sua inserção regional no Litoral Norte e Agreste Baiano (mapa 1).

Mapa 1: Localização do Bairro Santa Terezinha no contexto intra-urbano.



Fonte: Google Maps editado pelo autor, 2018.

Diante da convivência cotidiana na área, como morador do Bairro, bem como das análises empíricas realizadas para a construção deste trabalho, percebeu-se a desestruturação urbanística, a partir do surgimento de um setor de serviços e de comércio no Bairro Santa Terezinha, mais especificamente nas Ruas Dr. João Dantas e Padre Godinho, antes com características de um bairro essencialmente residencial que prevalecia o convívio social entre moradores a partir de manifestações culturais (festejos populares) como forma de apropriação coletiva.

A partir destas observações, as edificações que anteriormente eram residências unifamiliares, foram sendo transformadas em tipologias comerciais e de serviços de pequeno e médio porte. No entanto, algumas dessas residências que se converteram em pontos comerciais, não sofreram alterações significativas em seus arranjos espaciais, notando-se a modificação apenas em suas fachadas.

A realização deste trabalho surgiu como parte da premissa da necessidade de estudos urbanos em Alagoas diante de poucas análises realizadas na área para compreensão da dinâmica urbana atual. São análises que não levam em conta a dinâmica articulada pelo capital, as relações sociais e econômicas existentes e nem as características morfológicas do lugar.

A proposta metodológica adotada tem como hipótese central o entendimento de que a análise da intervenção urbanística para requalificação urbana em cidades médias deve levar em conta a formação espacial, centralidade e morfologia urbana. Parte-se do princípio de que as subnucleações de bairros que vão surgindo em função da nova dinâmica espacial e regional colocam em xeque as velhas configurações urbanísticas exigindo respostas no desenho da cidade de modo a se adaptarem à nova realidade emergente.

Portanto, surgem questões complementares que se desdobram para direcionamento da pesquisa que busca explicar as transformações da morfologia local. A intensificação do centro da cidade e os problemas de estruturação viária têm motivado os comerciantes a se estabelecerem em outros bairros? A recente crise econômica no país, que gerou como consequência o desemprego fez com que os moradores do bairro abrissem seu próprio negócio, utilizando sua moradia como ponto comercial? O aumento do comércio no bairro atraiu consumidores de demais bairros da cidade? Nessa perspectiva, se destaca como questão central abordada neste trabalho a adequação da área urbanística consolidada às novas demandas referentes a reestruturação produtiva.

Para alcançar os objetivos propostos, adotou-se a análise da formação espacial (LEFEBVRE, 2009; 1999), (CORRÊA, 1989), (CARLOS, 2008); da centralidade urbana e cidades médias (SPOSITO, 2007); (SOUZA, 2013); (SERPA, 2011). E a morfologia urbana da área de objeto de estudo (DEL RIO, 1990).

Para desenvolvimento da pesquisa de campo e das análises foram utilizados a cartografia, observação (visual e fotográfica) e entrevistas. A cartografia definida por Deleuze e Guatarri (2004) como forma rizomática de investigação buscando por meio do levantamento de pistas a configuração do entendimento sobre a morfologia urbana.

Sendo assim, este trabalho divide-se em cinco partes. Na primeira etapa foi desenvolvido a revisão bibliográfica. Na segunda etapa, apresenta-se a cidade de Alagoinhas e sua evolução urbana em função do desenvolvimento econômico e a análise da sua centralidade no contexto regional.

Em sequência, na terceira etapa foi resgatado o contexto histórico do bairro Santa Terezinha, realizado o estudo morfológico por meio de levantamento cartográficos fornecidos pela prefeitura municipal e obtidos no Google Maps, de

levantamento fotográfico e de observações *in loco* tendo em vista mapear a descaracterização do bairro e o comportamento dos seus usuários.

Na quarta etapa, foram identificados os atores sociais responsáveis pela descaracterização do Bairro. A descaracterização urbana foi confirmada a partir das narrativas dos atores utilizando a cartografia como método de pesquisa qualitativa, para na quinta etapa, encaminhar as considerações finais alcançadas diante dos estudos realizados e elaborar os caminhos possíveis a serem adotados para dinamização do bairro tendo em vista as análises anteriores e as pistas deduzidas das narrativas.

2. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E CIDADES MÉDIAS

Neste capítulo, será apresentada a síntese do pensamento dos autores referenciais utilizados para o desenvolvimento teórico e estudos bibliográficos sobre o tema proposto. Conforme expõe LEFEBVRE (2009;1999), CORREA (1989) e CARLOS (2008,2005) em seus estudos sobre a produção do espaço urbano. Posteriormente, abordará a questão da centralidade das cidades médias a partir de SOUZA (2013), SPOSITO (2007) e SERPA (2011) e, finalmente, será apresentada a proposta de abordagem da morfologia urbana desenvolvida por DEL RIO (1990).

2.1. Formação espacial

De acordo com Lefebvre (1999, p. 109 – 124), a produção espacial refere-se à materialidade, ou seja, a substância do fenômeno relacionado à cidade e seus desdobramentos. Trata-se de um local geográfico de conteúdo social, econômico, político e cultural. Reúne funções e estruturas urbanas e define uma forma espacial geográfica.

A forma e funções que compõe a centralidade urbana espacial definem a sua dupla condição, estabelecendo dinâmicas diferenciadas que interagem entre si de forma dialética. Este autor faz referência à dinâmica interior própria da cidade: o movimento intra-urbano, e da dinâmica exterior à centralidade: o movimento regional interurbano. Os movimentos urbanos e regionais articulam a dupla especificidade derivada das funções e das formas urbanas, de um lado, o território intra-urbano, dominado e administrado, e de outro, o território interurbano, definido pela cidade inserida nas redes de produção e distribuição.

Lefebvre (Ibid., p.109) sustenta que é no encontro e na articulação dessas duas funções que se estabelece a característica essencial da centralidade urbana espacial. Por outro lado, ele expressa que as funções, as estruturas, as formas, embora fundamentais, não sejam suficientes para definir a centralidade:

Enumerar as funções, por conseguinte, não basta. Longe disso. Sua descrição, sua análise, detalhadas, fragmentam-se segundo a disciplina (economia política, sociologia etc.) sem alcançar esta articulação. A análise só avança se discerne as organizações e as instituições, na medida em que elas encontram as funções exteriores e as funções interiores da cidade. Logo só avança reunindo-as (p.109).

A centralidade espacial urbana, complementa Lefebvre (Ibid.), corresponde ao urbano, não é um objeto, nem um sujeito. É uma categoria, uma forma pura, receptáculo. É uma abstração concreta derivada da prática. O urbano, enquanto forma, não possui nenhum conteúdo específico. É ponto de encontro, lugar de reunião, simultaneidade. Enquanto conteúdo, o urbano é receptáculo de coisas, objetos, pessoas, situações. A forma urbana levanta uma contradição dialética com o seu conteúdo. Enquanto a forma centralidade produz hierarquias e desigualdades espaciais, os seus conteúdos (industrialização, urbanização, etc.) buscam a homogeneização do espaço.

A centralidade urbana, nessa perspectiva, é tratada como uma categoria de análise, deduzida da realidade empírica, compreendida como uma forma geográfica espacial histórica, constituindo seu conteúdo a partir da expressão de processos sociais, econômicos, políticos e culturais. Essa categoria em sua transformação histórica, reúne lugares e cidades em redes, a partir da concentração de funções urbanas em uma localidade central, tornando-se espaço nodal de geração e atração de fluxos para fora e para dentro da sua sede.

A centralidade urbana espacial, por conseguinte, concentra funções e estruturas formadas por encargos econômicos, sociais, políticos e culturais (equipamentos, atividades econômicas e serviços) que são capazes de gerar e atrair fluxos. Esses fluxos estabelecem áreas de influências que podem ser classificadas em razão da sua proximidade ao centro gerador, do seu número de habitantes, das suas funções e estruturas concentradas, da sua dependência social, econômica, política e cultural, entre outras. Essas ligações que se efetivam no território entre lugares formam uma rede urbana complexa, ao mesmo tempo em que contribuem para a modelagem interna das localidades conectas entre si.

As funções e estruturas urbanas compõem o campo de forças potenciais de geração e atração dos fluxos. Dizem respeito aos papéis que a localidade central assume com a instalação de determinados encargos urbanos junto à sua área de influência. Em geral, são encargos administrativos, produtivos, comerciais e de serviços. Os encargos administrativos são aqueles relacionados à burocracia do Estado, atendendo à divisão geopolítica do território em questão. Os encargos produtivos se referem à produção econômica. Os encargos comerciais se ligam às

trocas locais, e os encargos de serviços se concentram no campo da saúde, da educação, do lazer, da cultura e dos esportes.

As formas, funções e estruturas urbanas, apesar de fazerem parte essencial da centralidade, não são suficientes para esclarecer o fenômeno, como indica Lefebvre, estas servem para caracterizar a centralidade urbana espacial. Sendo necessário, então, levar em conta também os processos que geram as relações sociais e os fluxos que conferem forma, conteúdo, sentido e movimento a centralidade. Na verdade, a configuração da centralidade urbana e regional tem um estreito paralelo com as formas de produção e reprodução da vida social, ou seja, a centralidade urbana e regional tem um fator, entre outros, que é determinante, a acumulação e reprodução do capital.

É com esse entendimento que a centralidade urbana torna-se uma categoria espacial de análise, compreendida como um campo de forças, resultado da dinâmica social, política, econômica e cultural conectada com as formas e as funções e estruturas urbanas concentradas em uma localidade central capaz de gerar e atrair fluxos de pessoas, bens, serviços e informações. Fluxos esses que organizam as localidades que fazem parte da área de influência das funções urbanas em uma rede hierarquizada, definindo uma área ou região urbana polarizada.

É o modo como se organiza territorialmente uma determinada formação social. Ela é reflexo e ao mesmo tempo condição social, por isso, está submetida à dinâmica própria de cada formação social historicamente determinada. Os fluxos que formam as articulações urbanas, além de definir a área de influência da centralidade, contribuem também para a formação do espaço interurbano, influenciando a formação e a dinâmica interna da localidade central.

Nesse sentido, a centralidade urbana espacial na atualidade se estabelece segundo a lógica própria do capital, representando os interesses das corporações em nível global, em geral, em contradição com a produção e reprodução da vida social da maioria da população que vive nas cidades. Essa lógica capitalista promove o movimento seletivo do capital na direção das formas privilegiadas de acumulação e produção da riqueza social que destrói, cria e recria novas centralidades, valorizando e desvalorizando, fragmentando e hierarquizando o território urbano.

Diante disso, Corrêa (1989) define quem são os agentes modeladores do espaço urbano que segundo ele, a organização espacial urbana no Brasil, se refere ao complexo zoneamento de usos da terra que definem as áreas da cidade, como o

centro, zonas industriais, residenciais diferente da sua forma e conteúdo social, lazer etc. e as áreas destinadas a possíveis expansões. Esse espaço urbano capitalista é dividido e marcado através de seu campo de lutas produzidas por atores sociais modeladores do espaço. Sendo eles: os proprietários do meio de produção; os latifundiários; agentes imobiliários; o Estado e os grupos sociais excluídos.

Os proprietários do meio de produção, que caracterizam os industriais, são grandes usuários do espaço em função da necessidade de terrenos amplos, localizados próximo às vias que facilitem o escoamento de produtos e acesso a população o que entra diretamente em confronto com a retenção de terra por parte dos latifundiários. Uma vez que a solução é resolvida a partir de pressões, parte dos proprietários industriais junto ao Estado, para desapropriações de terras e instalação de infraestrutura. Essa prioridade acontece, porque o Estado negocia por meios de incentivos fiscais, atraindo as instalações dessas indústrias por gerar mais lucro para capitalismo.

Os latifundiários concentram suas atividades nas áreas rurais da cidade, menos valorizada para serem incorporadas como terra urbana, mais valorizada, priorizando o valor de troca da terra e não o seu valor de uso. Desse modo, este agente modelador pressiona o Estado, especialmente o município, com o objetivo de interferir nas leis do uso do solo e zoneamento urbano.

Nos terrenos situados em periferias e sem vantagens monetária, os proprietários fundiários constroem loteamentos populares, com infraestrutura precária, destinada a construções de moradias na qual muitas delas são realizadas por autoconstrução ou por intervenção do Estado, a partir da implantação de grandes conjuntos habitacionais. Nos assentamentos considerados ilegais quanto à legislação em vigor, a sua legalização e alguns poucos serviços de estrutura vêm a partir da pressão ao Estado por parte das massas populares.

Já os promotores imobiliários são variam desde os grandes incorporadores ao pequeno proprietário construtor. Suas ações são desiguais, criando e reforçando a segregação espacial na maioria dos conjuntos habitacionais, que é natural da cidade capitalista.

O Estado, como exposto acima, atua primeiramente como grande industrial consumidor do espaço, em segundo, como proprietário fundiário e promotor imobiliário e paralelamente a isso, é um agente regulador do solo e alvo dos movimentos sociais urbanos. Sua ação é marcada por oposições de interesses dos diferentes membros

da sociedade de classes e das alianças internas entre estas, tendendo a privilegiar e encobrir em seu discurso a classe dominante que está no poder.

Os grupos sociais excluídos são boa parte da população que não tem acesso aos bens e serviços produzidos socialmente. O direito à moradia é um dos mais significativos sintomas dessa exclusão, tendo como solução habitações precárias de aluguel próximas ao centro da cidade, a autoconstrução em loteamentos periféricos, os conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado, distantes da sede da cidade, e a favela. Nos três primeiros casos os agentes excluídos estão sujeitos aos demais agentes citados nos parágrafos acima e, portanto, não os torna um agente modelador do espaço urbano. Já a produção de favelas, em terrenos públicos ou privados, torna esse grupo efetivamente um agente modelador da cidade, produzindo seu próprio espaço, em geral, independente dos demais agentes.

Essa produção do espaço é vista por Corrêa (1989) configurado como uma forma de resistência e de sobrevivência, a partir da apropriação de terrenos de uso inadequado para outros agentes da produção do espaço. A evolução desses espaços urbanos, com o tempo é feita gradativamente por seus próprios moradores, até que por pressão exercida por esse grupo organizados em associações, se tenha a ação do Estado com a implantação mínima de infraestrutura.

Assim, percebe-se que a instituição do Estado atua sempre por pressão dos agentes sociais priorizando os grupos que resultarão em mais lucro para o capital, enquanto que os grupos socialmente excluídos se mobilizam entre si em ativismos e movimentos sociais e se tornam, por resistência, um agente modelador do espaço urbano, que obtém recursos mínimos do Estado a partir das pressões populares.

Carlos (2005) amplia a discussão ao destacar que a relação do homem e o espaço é compreendido como um local de lutas somados a diferentes forças que resultam no processo produtivo. Para a autora:

O urbano produzido através das aspirações e necessidades de uma sociedade de classes, fez dele um campo de luta onde os interesses e as batalhas se resolvem pelo jogo político das forças sociais. O urbano aparece como obra histórica que se produz continuamente a partir das contradições inerentes à sociedade (2005, p.71).

A preocupação com o espaço urbano, segundo Carlos (2008; 2005), permeia os estudos geográficos chegando a formulações diferenciadas prevalecendo não raro à noção de espaço como palco da atividade do homem, isto é, como simples localização das atividades do homem que habita o planeta. Esta abordagem não vai

além da superposição de fatos, limitando a compreensão dos processos reais que produzem o espaço da cidade, além das suas aparências.

Assim, para esta autora é fundamental transcender a descrição dos fatos isolados para superação da compreensão do espaço urbano como palco da atividade humana. Portanto, o entendimento sobre o espaço deve levar em consideração os processos de trabalho e seu conteúdo social, chegando assim ao espaço como produto de relações sociais determinadas.

No entanto, perceber como é realizada a produção é entender como os homens se relacionam como sujeito dentro e fora do processo produtivo. Por isso o trabalho surge como mediador fundamental da relação entre homem e natureza, o qual o espaço urbano é consequência histórica e social, onde o homem é sujeito, não se relacionando com o espaço, mas o produzindo-o.

Diante da discussão do espaço como produto social e histórico faz-se essencial associar aos processos de produção, referindo-se de maneira específica e considerando a acumulação do capital através de sua reprodução, sendo movimentada através da divisão de trabalho da sociedade, fazendo-se necessário compreender o modo como é desenvolvida, para se conhecer a natureza do espaço.

Em síntese, pode-se afirmar que o espaço para Carlos (2005, p.50) “é o produto, condição e meio do processo de produção da sociedade em todos os seus aspectos. O espaço é entendido em função do processo de trabalho que o produz e o reproduz a partir da relação do homem com a natureza. Assim, o espaço se cria a partir da natureza que é totalmente transformada no curso de gerações”.

Carlos (2008, p.31) sugere para abordagem espacial o abandono da pura descrição geográfica do lugar, colocando como sujeito da análise o espaço concebido como um campo no qual o homem é um ser social que necessita se reproduzir de um modo determinado que imprimirá características específicas históricas à sociedade e consequentemente influenciará e direcionará o processo de produção espacial.

Carlos alerta para a necessidade de se considerar a cidade em sua articulação com a sociedade local, regional e global, tendo em vista a organização política, a estrutura de poder da sociedade, a natureza, a repartição das atividades econômica e as classes sociais.

Dessa forma, de acordo com Carlos (2008), fica evidente o reconhecimento histórico de atores e forças sociais que modelam o espaço da cidade. (Por meio deste trabalho, foi possível realizar entrevistas e narrativas com antigos moradores, comerciantes, líderes de associações e usuários do espaço, que objetivou a compreensão acerca das especificidades da produção espacial do bairro Santa Terezinha).

Em síntese, ressalta-se que segundo Lefebvre (1999), o espaço urbano deve ser abordado em sua dialética intra-urbana e interurbana a partir de seus processos e relações formadoras. Já, Corrêa (1989) acrescenta e reconhece os agentes formadores do espaço urbano: os proprietários do meio de produção; os latifundiários; agentes imobiliários; o Estado e os grupos sociais excluídos. Finalmente, Carlos (2008;2005) destaca o espaço urbano compreendido como um campo de luta e jogo político histórico de diferentes forças sociais e processos de trabalhos.

2.2 Centralidade

O texto abordará o conceito de centralidade diante das discussões dos autores citados sobre o ponto de vista de cidades médias, considerando Alagoinhas como uma forte centralidade produtiva, comercial e de serviços na região na qual se insere e sob a influência da capital baiana, Salvador.

Segundo Souza (2013), as cidades médias resultam-se do papel de intermediação que a cidade desempenha em rede com as demais, através de papéis mediador entre cidades menores e maiores em diferentes redes e escalas urbanas e da configuração interna que estabelece em função da centralidade espacial urbana que ela desempenha. A rede urbana e cidade tornam-se formas espaciais conectadas entre si das quais o sistema capitalista faz de maneira ampliada.

Trata-se da centralidade espacial urbana percebida e concebida como um campo espacial geográfico de forças e conteúdo social, econômico, político e cultural que concentra funções que são capazes de gerar e atrair fluxos e impulsos, estabelecendo áreas de influências em rede, com expressão direta junto à configuração intra-urbana e interurbana das cidades. (SOUZA, 2013, p.6)

Nessa perspectiva, foram elaboradas propostas metodológicas por Sposito et al. (2007) para a compreensão das cidades médias brasileiras nas quais são

destacados três pontos importantes: o primeiro se refere às cidades médias que desempenham papel de polos, através do mercado consumidor para cidades menores e áreas rurais próximas. O segundo ponto se refere à localização geográfica próxima a locais com infraestruturas de transporte. E o terceiro, à modernização e expansão agrícola ocorridas a partir da década de 1970.

A partir da década de 1990 teve início a transformação da econômica nacional na direção de um novo padrão flexível de produção, que deu início a um processo incipiente de desindustrialização, o que direcionou a economia nacional para atividades concentradas no setor terciário. Cabendo assim, as cidades médias receberem essas novas atividades produtivas, fortalecendo o comércio e serviços, além de instalação de indústrias, com alcance regional. Essas novas formas de interação espacial só foram possíveis em função das telecomunicações, por isso, a localização industrial das empresas pode se deixar as grandes metrópoles e se situar em locais de baixo custo de produção, baixa organização sindical e com incentivos fiscais municipais e estaduais. Com isso, a economia urbana baseada no comércio e serviços tornaram-se atividades articuladoras, dinamizando e atraindo novos capitais transformando, dessa forma, esses núcleos urbanos em centros regionais.

Assim, a compreensão das cidades médias é vista por pelos autores, a partir de processos e dinâmicas sobre o ponto de vista econômico, mas ressaltando suas dimensões espaciais, o que se analisa na disposição relativa e transitória dessas cidades e seus papéis, na quais se relacionam e se articulam com o espaço rural e com as demais cidades. Reconhecendo a dinâmica das cidades médias de forma associadas aos seus papéis regionais. Nesse sentido, há a necessidade de se analisar as relações entre o espaço intra-urbano e o espaço urbano.

Passam a ser importantes as relações de cooperação, bem como a inovação ganha mais força que a capacidade de produção. As atividades terciárias especializadas passam a ter mais importância do que a capacidade de produção industrial e/ou agrícola no movimento de ampliação dos papéis urbanos de cidades de diferentes portes. (CAMAGNI, 1993, apud SPOSITO, 2007, p.237)

A compreensão dessas relações ocorre quando observados os vetores de redefinição das relações das escalas interurbana e intra-urbana. Sendo estes a modernização agrícola, estruturada em firmas que expandem territorialmente, atingindo escalas internacionais dentro do mercado de consumo dessa produção.

Da mesma forma, o setor bancário é um vetor, na medida que, em suas dinâmicas de reestruturação de gestão e funcionamento, os grandes conglomerados

do setor financeiro e bancários fecham unidades em cidades pequenas, ampliam papéis de agências de cidades médias e grandes, e concentraram papéis de comando em metrópoles nacionais e globais. E as redes de supermercados e empresas de comercialização de produtos que se concentram e estabelecem sistemas de franquias, se expandindo territorialmente ampliando os papéis regionais de cidades médias.

Diante disso, a reestruturação na perspectiva intra-urbana aborda a morfologia urbana de modo articulado, de forma a organizar as variáveis a serem estudadas, a autora sugere, que se investigue os processos e dinâmicas a partir da morfologia analisada além dos objetos construídos, e das lógicas de estruturação que são mais que estruturas espaciais.

“A morfologia urbana não se reduz a descrição dos objetos urbanos e de seu arranjo, mas inclui a repartição dos grupos sociais e dos papéis a serem desempenhados em cada espaço e por cada lugar. Assim, Roncalyolo (1990, p. 90-91 *apud* SPOSITO, 2007, p. 248.) valoriza as relações entre forma e sociedade urbana, para ver como essa sociedade constrói, utiliza e interpreta os objetos urbanos”.

Neste sentido, de forma a contribuir para a compreensão do fenômeno urbano, Serpa (2011) parte do pressuposto que o processo de formação e consolidação das centralidades ocorre de forma dinâmica e histórica, sendo resultados de um processo tardio manifestado em formas urbanas, trazendo identidade para os habitantes de bairros populares através da apropriação espacial em que lhe é concedido com as práticas cotidianas.

Priorizar o bairro como recorte espacial para os estudos de geografia nas escalas metropolitana e intra-urbana significa, tratá-lo como lugar da experiência e da ação, como espaço vivido e sentido. Entender o bairro como “lugar” implica vê-lo como um sistema de relações particular, já que o lugar é o mais que a soma de objetos ou uma localização. (RELPH, 1979 *apud* SERPA, 2011, p.104.)

Este pensamento confirma a noção de centralidades vividas, organizado independente de um contexto intra-urbano, regional ou nacional, partindo da reprodução do cotidiano de relações sócio espaciais em cada lugar, tornando-o também um ambiente vivido além de funcional. Portanto, se faz necessário o reconhecimento de locais populares como sendo centrais para as formações sociais, se desfazendo da ideia de hierarquias de centros e admitindo a partir de que todos os

lugares são centralidades potenciais e merecem destaque na produção do conhecimento geográfico analisando através da relação pessoa-ambiente como produção de identidades coletivas e individuais.

2.3 Morfologia

A morfologia urbana, de acordo com Del Rio (1990), está relacionada com a compreensão da lógica da formação, evolução e transformação dos elementos urbanos e de suas inter-relações, a fim de possibilitar a identificação de formas mais apropriadas, cultural e socialmente, para a intervenção na cidade existente e o desenho de novas áreas. As relações entre as características morfológicas da cidade e as individualidades tipológicas de alguns edifícios podem ser avaliado de acordo com o tempo e as condições históricas como variáveis de estudo.

“Métodos como identificações de relações entre domínios públicos, semi público e privados dos edifícios, assim como outras relações morfológicas importantes como distâncias e acessibilidade, relação de cheios e vazios, tornou-se um dos mais usuais nas análises morfológicas por expor claramente diversas das relações entre elementos conformadores do tecido urbano.” (Del Rio, 1990. p.74)

De forma objetiva, o termo morfologia da cidade pode ser entendido através de três níveis básicos de organização, na qual sustentam-se seus significados e apropriações sociais. No nível coletivo está o conjunto de características primárias do tecido urbano e nota-se uma maior permanência sobre o tempo. O nível comunitário revela elementos especiais apenas para uma determinada população, por exemplo, o bairro que é o foco deste trabalho. Por último a dimensão individual, trazendo como elemento a residência e seu espaço imediato, que apresenta uma transformação mais acelerada.

Além desses níveis são considerados temas e elementos da morfologia urbana:

- a. **Crescimento:** sendo os modos, as intensidades e direções; elementos geradores e reguladores, limites e superação de limites, modificação de estruturas, pontos de cristalização etc.;
- b. **Traçado e parcelamento:** elementos ordenadores do espaço, estrutura fundiária, relações, distâncias, circulação e acessibilidade etc.;
- c. **Tipologias dos elementos urbanos:** Padrões edifícios de uso do solo (residencial, comercial, serviços etc.) e ocupação do solo (lotes, quarteirões, praças e esquinas).

- d. **Articulações:** relações entre elementos, hierarquias viárias, domínios do público e privado, densidades, relações entre cheios e vazios etc.

Outra categoria de análise considerada importante para o autor, se desenvolveu a partir de conceitos e métodos utilizados pela psicologia onde se baseia o estudo da percepção ambiental tornando-se interessante para compreensão das unidades selecionadas para compor a experiência visual da cidade. Para o Desenho Urbano, os objetivos principais destes estudos se tornam claros: a identificação de imagens públicas e da memória coletiva. A partir do estudo do que os usuários percebem, como e com que intensidade pode-se montar diretrizes para a organização da interação pessoa-ambiente.

Del Rio (1990) utiliza da linha de pesquisa do urbanista Kevin Lynch (1960), se tornando a mais influente, na qual foi a primeira vez que um pesquisador estudou qual seria o significado das cidades para seus usuários, identificando suas qualidades e elementos estruturadores. De acordo com Lynch, sua teoria gira em torno de três qualidades urbanas como conceitos de referência: legibilidade, estrutura e identidade, imageabilidade. Sendo estas:

Legibilidade: uma das mais importantes qualidades visuais para LYNCH, a facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas de forma harmoniosa, é interessante a necessidade de riquezas de detalhes e significado, reconhecendo, no entanto, o perigo da confusão visual de uma quantidade muito elevada de apelos, interferindo na sua coerência.

Identidade. Estrutura e Significado: A identificação de uma área, sua diferenciação de outra, sua personalidade e individualidade são chamadas de identidade. No que diz respeito a estrutura, é uma categoria que todas as imagens compostas devem ter, para coerência do todo e relações internas definidas. O observador deve, finalmente, ser capaz de captar significado nesta imagem ambiental, seja ele prático ou emocional.

Imageabilidade: a capacidade de uma imagem ser forte o suficiente para chamar atenção e impor-se na percepção e na memória do observador. Trata-se de pregnância de imagens, e não de capacidade de imaginação. Lynch aplicou metodologias de pesquisa nas quais o entrevistado elaborasse mapas mentais ou descrevesse percursos específicos. Com isso, objetivava identificar as imagens coletivas das cidades e as de suas partes/elementos mais significantes.

A partir disso, estes elementos possuem um elevado potencial de aplicação para o Desenho Urbano:

Percursos: são os caminhos ao longo dos quais o observador normalmente se movimenta; ao longo dos percursos estão obtidos os demais elementos. (ruas, avenidas, calçadas, etc.)

Limites: são elementos lineares constituídos pelas bordas de duas regiões distintas, configurando quebras lineares na continuidade. Os limites mais fortemente percebidos são aqueles não apenas relevantes visualmente, mas também contínuos na sua forma e sem permeabilidade à circulação. (SABOYA, 2008)

Bairros/distritos: o conceito de Lynch refere-se a uma área percebida como relativamente homogênea em relação ao resto da cidade ou, ao menos, como possuindo certa característica em comum que permite diferenciá-la do resto do tecido urbano. É, portanto, um critério visual, perceptivo, ao contrário do critério administrativo.

Os bairros desempenham papel importante na legibilidade da cidade, não apenas em termos de orientação, mas também como partes importantes do viver na cidade e podem apresentar diferentes tipos de limites. Alguns são precisos, bem definidos. Outros são mais suaves, indefinidos. (SABOYA, 2008)

Nós: locais estratégicos da cidade onde o observador pode entrar e que possuem forte função, destacando-se da estrutura; locais de concentração de atividade ou convergência física do tecido urbano; podem ser locais centrais dos Setores. Equipamentos urbanos que servem como exemplo: terminais de ônibus, estações de metrô, edifícios de uso misto, shopping centers, etc. (SABOYA, 2008)

Marcos: um outro tipo de referencial, mas este é externo e se destaca na paisagem; são geralmente um objeto físico; podem estar distantes e constituírem uma referência constante ao usuário, ou podem estar mais integrados à estrutura destacando-se do conjunto por sua forte Imageabilidade.

3. A CIDADE DE ALAGOINHAS - BAHIA

Este capítulo tem por finalidade, apresentar a história da cidade de Alagoinhas e seu desenvolvimento urbano a partir do seu contexto regional que favoreceu a concentração de atividades econômicas e sua influência indireta na transformação em curso observada no bairro Santa Terezinha.

3.1 Breve histórico

De acordo com Araújo (2009), durante o ano de 1777 um jesuíta se fixou em um local agradável, onde procurou construir um espaço de sobrevivência e sociabilidade. Ao final século XVIII ergueu uma capela onde ao seu redor se configurou o povoado denominado Santo Antônio de Alagoinhas, (figura 1) com pequenos vilarejos próximos a lagoas perenes e posteriormente se tornando um ponto de passagem servindo de descanso e abastecimento dos tropeiros e suas boiadas. Durante o ano de 1852, o local passou à categoria de vila ao ter conquistado sua emancipação política da cidade de Inhambupe - BA, passando a se chamar definitivamente Alagoinhas no dia 2 de julho de 1853.

Figura 1 – Ruínas da Igreja Inacabada da Vila de Santo Antônio de Alagoinhas, séc. XIX.



Fonte: Próprio autor, 2018.

A chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco e as construções da Estação de Alagoinhas (figura 2) em 1863 e posteriormente, em 1880, a Estação São Francisco (figura 3 e 4), a cidade passou a ser transformada, tendo o

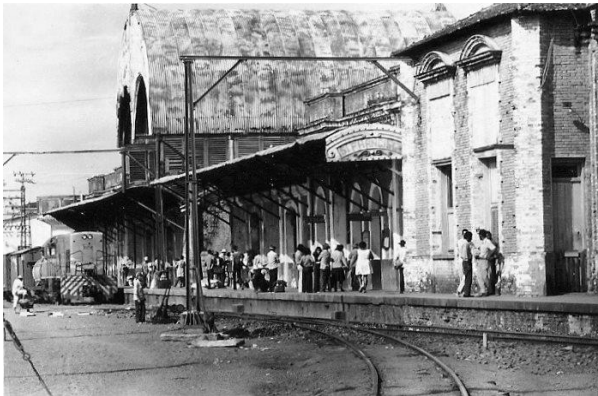
antigo centro transferido para a nova sede localizada a 3 km de distância em relação ao surgimento inicial da vila, às margens da estação de trem de Alagoinhas ao redor da qual a cidade se consolidou e desenvolveu.

Figura 2 – Estação de Alagoinhas, 1863.



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 1910.

Figura 3 e 4 - Estação São Francisco, 1880.



Fonte: Fundação Iraci Gama, 2012.



Fonte: skyscrapercity.com, 2011.

Apesar da transferência de sede de Alagoinhas Velha para as proximidades da Estação, a feira como principal elemento das práticas sociais e comerciais da época sobreviveu ao tempo e a essas transformações.

Na passagem do século XIX para o século XX, a cidade de Alagoinhas desempenhou um papel essencial na integração das vilas e cidades circunvizinhas que se beneficiavam de sua estrada de ferro, do comércio e de seus serviços. Essa condição de polo atrativo só foi possível graças ao entroncamento ferroviário e a expansão comercial que colocava Alagoinhas no epicentro de cidades sertanejas e em contato direto com Salvador. (LIMA, 2010 p. 74)

O crescimento da cidade, analisado entre o final do século XIX até 1950, foi favorecido pelo uso comercial na área central e próximas à ferrovia, pois havia nesta área, a presença da feira semanal que foi redirecionada, atraindo muitas pessoas inclusive de outras localidades vizinhas em busca de mercadorias (figura 5).

Figura 5 - Feira de Alimentos e Produtos.



Fonte: Fundação Iraci Gama, ano desconhecido.

Lima (2010) afirma que por conta da sua influência, Alagoinhas eleva sua condição de um local de passagem para assumir uma posição de destaque em relação aos demais núcleos urbanos da região. A ferrovia possibilitou aos moradores uma articulação mais direta com Salvador, o que se tornou um elemento catalisador para o desenvolvimento comercial e escoamento de produtos que ligava a capital baiana ao sertão no vale do Rio São Francisco, possuindo dois trechos a partir de Alagoinhas: sentido Juazeiro – BA e Propriá – SE. (mapa 2)

Mapa 2: Ferrovia Centro Atlântica na Bahia.



Fonte: Correio, 2014.

Dessa forma, de acordo com Araújo (2009, p.21), a cidade de Alagoinhas, então, beneficiada de infraestrutura urbana básica firmou-se como núcleo articulador, fornecedor dos fluxos de bens e serviços para a sua região de influência. Pode-se dizer, portanto, que a necessidade de acesso ao centro de negócios de Alagoinhas, pela população regional, atraída pelas atividades econômicas e sociais que eram oferecidas, facilitou a sua ocupação e expansão.

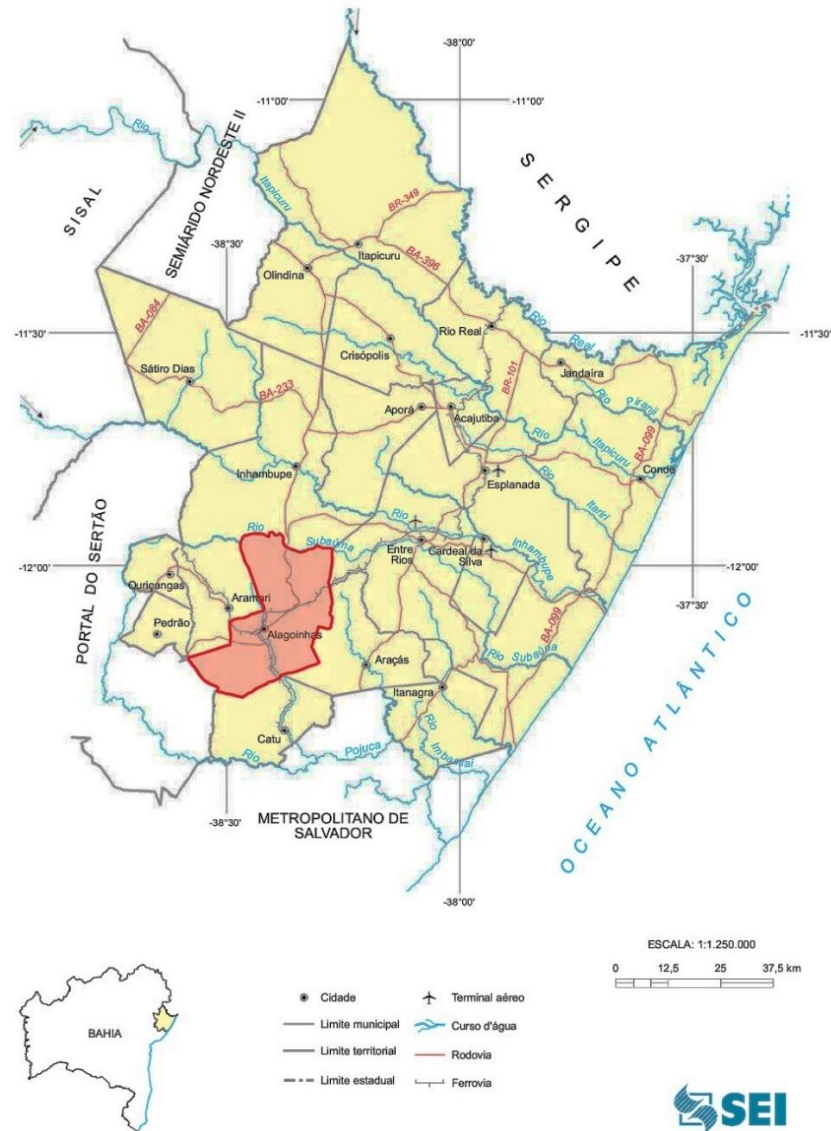
3.2 Contexto Regional

A cidade de Alagoinhas, está localizada em um dos Territórios de Identidade da Bahia, denominado Litoral Norte e Agreste Baiano (mapa 3). Essa denominação foi adotada pelo Governo do Estado da Bahia por reconhecer unidades territoriais-afim de identificar prioridades temáticas a partir da realidade local, adotando medidas de planejamento e implantação de políticas públicas. Ao todo, a Bahia foi dividida ao longo do seu extenso território (567.295 km²) em 27 territórios de identidade.

A partir do entendimento de centralidade espacial, desenvolvido no capítulo anterior, destaca-se a noção de território “como um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e

externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial”. (OBSERVATÓRIO DO TRABALHO, 2016).

Mapa 3: Alagoinhas no contexto Regional Litoral Norte e Agreste Baiano



Fonte: SEI editado pelo autor, 2016.

Diante de pesquisas realizadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI (2016), o Litoral Norte e Agreste Baiano está localizado no nordeste do estado, possuindo áreas ocupadas por diversos usos, se destacando a extração de petróleo, cultivo de frutas cítricas, cana-de-açúcar, silvicultura, dentre outras atividades. A região é conhecida pelo seu potencial turístico da sua costa

marítima, e a presença do aquífero (São Sebastião) que oferece água de qualidade aos seus municípios, e favoreceu a implantação de indústrias de bebidas.

Nesse sentido, Alagoinhas, fora do circuito litorâneo, tem sido a cidade com maior destaque na região, por estar numa posição geograficamente favorecida historicamente com implantação dos principais sistemas de meios de transporte, que servem de escoamento da produção industrial, e apresentou crescimento no setor de comércio e serviços, sendo o município com os maiores números de empresas cadastradas, representando, respectivamente 41,7% e 52,9% do total da região analisada (tabela 1).

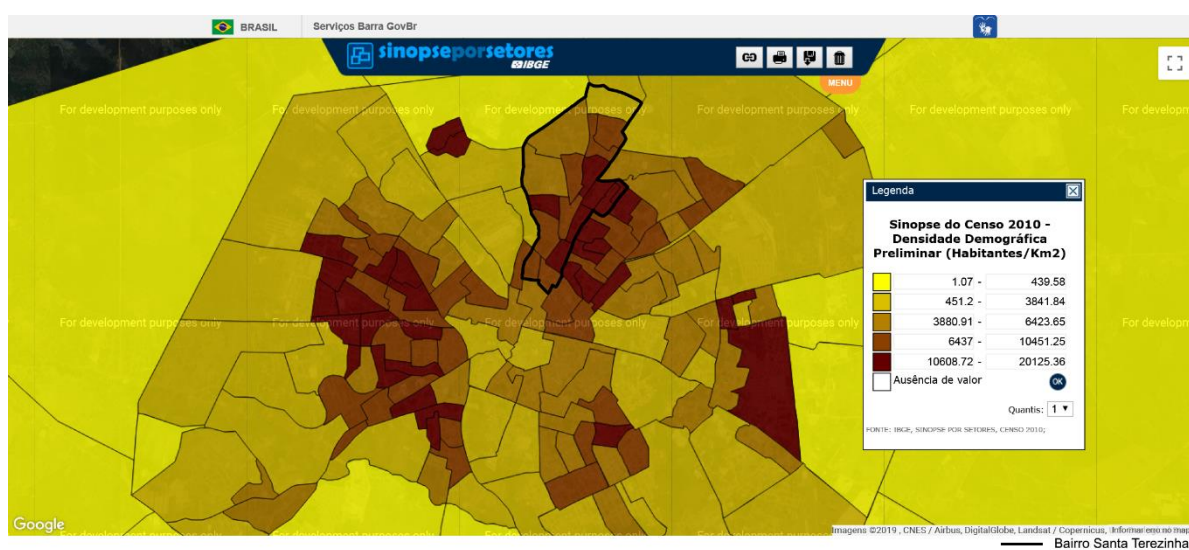
Tabela 1: Número de estabelecimentos por setores de atividade econômica – Bahia, TI Litoral Norte e Agreste Baiano e municípios – 2014.

Região geográfica	Extrativa mineral	Indústria de transformação	Serviços industriais de utilidade pública	Construção civil	Comércio	Serviços	Administração pública	Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	Total
Bahia	468	12.521	318	8.429	85.384	62.974	1.073	16.911	188.078
TI Litoral Norte e Agreste Baiano	31	335	14	151	2.341	1.428	44	606	4.950
Acajutiba	0	2	0	1	37	18	1	9	68
Alagoinhas	6	124	2	62	977	755	5	111	2042
Aporá	0	2	0	1	28	9	1	8	49
Araçás	1	7	0	4	33	11	2	27	85
Aramari	0	1	0	5	12	12	2	14	46
Cardeal da Silva	0	4	0	1	20	9	2	10	46
Catu	18	40	4	34	278	175	2	29	580
Conde	0	10	1	4	69	34	3	21	142
Crisópolis	0	3	1	1	49	15	2	6	77
Entre Rios	2	18	0	14	212	119	2	128	495
Esplanada	2	35	0	8	153	82	2	43	325
Inhambupe	0	22	2	4	121	59	3	54	265
Itanagra	0	2	0	1	6	4	2	30	45
Itapicuru	2	30	0	1	43	19	1	14	110
Jandaíra	0	3	1	2	11	14	2	18	51
Olindina	0	6	2	0	75	27	4	2	116
Ouriçangas	0	2	1	2	10	3	2	8	28
Pedrao	0	0	0	2	8	1	2	7	20
Rio Real	0	22	0	4	157	45	2	54	284
Sátiro Dias	0	2	0	0	42	17	2	13	76

Fonte: SEI (2016 apud 2015c).

Segundo dados do IBGE, a população estimada de Alagoinhas é de aproximadamente 150.832 pessoas em 2018. De acordo com o último censo (2010) (mapa 4), possuía uma população de 141.949 pessoas e densidade demográfica de 188,67 habitante/km². Possuindo em números absolutos a maior concentração populacional da região na qual está inserida, tendo uma taxa de crescimento de 9,1% comparado com a pesquisa anterior realizada em 2000, em números absolutos houve um ganho de 11.854 novos habitantes. Neste mapa percebemos que o bairro Santa Terezinha possui uma das áreas mais adensadas da cidade.

Mapa 4: Densidade demográfica de Alagoinhas – Censo 2010



Fonte: Sinopse por setores (IBGE), adaptado pelo autor, 2019.

De acordo com Araújo (2009), o processo de ocupação urbana se deu aos poucos, de forma linear, formando os bairros através de eixos rádio concêntricos preenchendo os vazios urbanos, principalmente entre o novo centro e o antigo vilarejo. A partir de 1950 com os incentivos do governo federal, o transporte rodoviário passou a ser o principal modal de articulação do país e o transporte ferroviário foi aos poucos se tornando obsoleto e sendo substituído. Em Alagoinhas a ferrovia se tornou protagonista na sua história de formação, como apresentado anteriormente.

Araújo (2009, p. 112) afirma que, “A expansão urbana observada na cidade de Alagoinhas, ao longo do século XIX até os dias atuais, foi orientada por etapas do crescimento econômico do município” (mapa 5). Por conta das expansões econômicas a década de 1960 foi um período importante, pois iniciaram as atividades de extração de petróleo devido a instalação da Petrobras no município possibilitando

que se tornasse um polo petrolífero, e como consequência, o setor terciário de comércio e serviços teve sua consolidação.

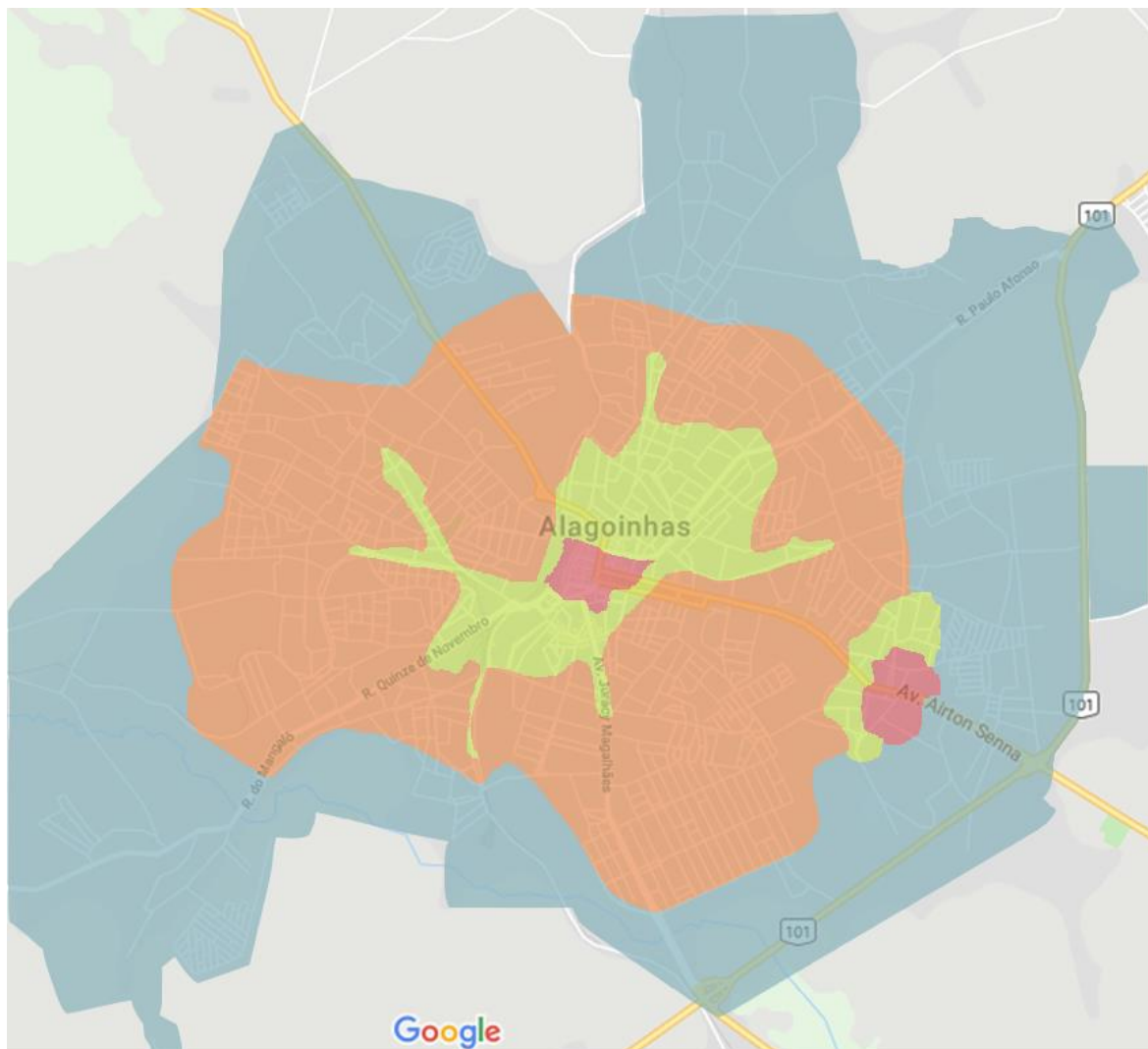
Nessa perspectiva, as cidades que têm vínculos muito próximos com a Petrobras e com as suas demandas, servem para oferecê-la, como também as demais firmas do setor petrolífero, o apoio que buscam na prestação de serviços, tais como: serviços bancários, judiciários, de segurança, de transporte, de manutenção de equipamentos, de máquinas e veículos, de alimentação, de compras de materiais e outras especialidades ou atividades comuns às demandas de operações locais (BRITO, 2008. apud Araújo 2009, p.114).

Entre as décadas de 1970 e 1980, a cidade de Alagoinhas se consagrou como um centro formador de professores. O início das atividades acadêmicas de ensino superior na região com a implantação da Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas, integrando-se posteriormente a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o segundo campus estadual, criado no interior da Bahia, contribuiu para a expansão urbana da cidade que passou a ocupar as áreas mais próximas das rodovias federais (BR-101 e BR-110).

Durante a década de 1990, foi instalada a primeira indústria multinacional em Alagoinhas passando a ser contemplada com a implantação da fábrica de bebidas Primos Schincariol Indústria de Cervejas e Refrigerantes do Nordeste S. A. (atualmente pertencente a indústria holandesa, Heineken) e a fábrica de beneficiamento de couro, fumo e peles – Companhia Industrial Brasil Espanha (BRESPEL).

A partir dos anos 2000, em função da qualidade da água somada a pacotes de incentivos fiscais estaduais e municipais, estes fatores possibilitaram a chegada de novas indústrias de bebidas como o Grupo Petrópolis e Grupo peruano, industrial de Bebidas São Miguel (ISM), incrementando a cidade como polo de bebidas, reforçando, desse modo, a centralidade urbana de Alagoinhas.

Mapa 5: Evolução urbana de Alagoinhas



- Ocupação junto a área da chegada da Ferrovia - 1863
- Ocupação ao Longo da área da Ferrovia (final do séc. XIX até a década de 1950)
- Intensificação após implantação da Petrobrás - década de 1960)
- Ocupação mais recente (1980 - atual)

0 100 200 m



Fonte: Google Maps adaptado pelo autor, 2018.

4. BAIRRO SANTA TEREZINHA

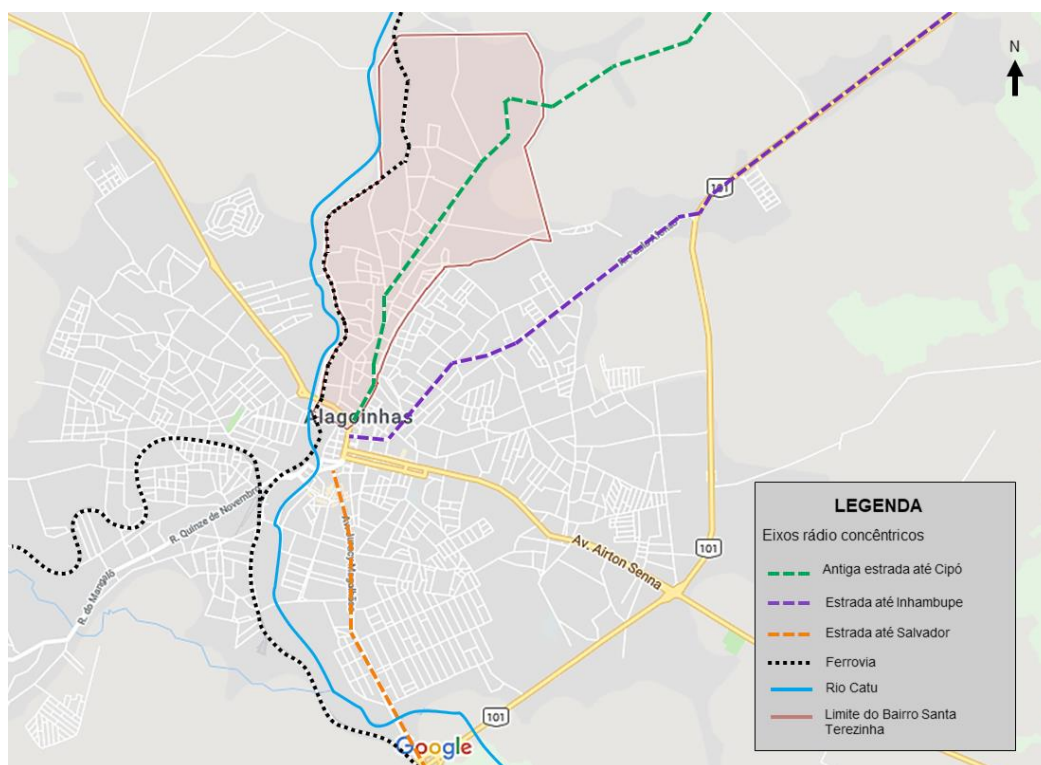
Neste capítulo serão analisados o surgimento e evolução do bairro, seguido da apresentação dos resultados dos mapas de uso e ocupação do solo elaborados a partir da base cartográfica disponibilizada pela Secretaria de Municipal de Infraestrutura da Prefeitura de Alagoinhas. A base cartográfica foi atualizada conforme a implantação de novas ruas e marcação do uso do solo nas áreas adjacentes às ruas objeto de estudo: Rua Dr. João Dantas e Rua Pe. Godinho, realizadas por meio de pesquisa de campo. Nas demais ruas, os mapeamentos foram feitos através do Google Maps utilizando-se a plataforma Street View. Foram realizados levantamentos fotográficos e observações tendo em vista mapear a descaracterização do bairro provocadas pela mudança de uso e conhecer os comportamentos dos moradores frequentadores do bairro.

4.1 O Bairro

Os estudos para compreender o surgimento e crescimento do bairro foram realizados a partir da análise do Plano Diretor da Cidade de Alagoinhas elaborado pela Companhia Estadual de Desenvolvimento Urbano (1977). As análises desenvolvidas buscaram entender a dinâmica da formação espacial e morfológica do bairro.

Segundo o Plano Diretor Urbano (1977), a população das cidades circunvizinhas à Alagoinhas tornarem-se atraídas pelas atividades comerciais desenvolvidas no centro de Alagoinhas. Houve um processo de ocupação do espaço urbano de forma rádio concêntrica em torno da sede, definida por três vias principais de circulação de aspecto regional: a Avenida Juracy Magalhães que liga o município à Salvador; a estrada em direção a Inhambupe, atual Rua Paulo Afonso e a antiga estrada em direção à cidade de Cipó, atual Rua Dr. João Dantas, continuando pela Rua Pe. Godinho (Mapa 6).

Mapa 6: Principais eixos de circulação durante o séc. XIX e XX



Fonte: Google Maps adaptado pelo autor, 2019.

A estrada e a malha ferroviária fizeram com que a expansão urbana se acentuasse na direção nordeste do município acarretando o surgimento do Bairro Santa Terezinha, considerado um dos mais antigos que foi ocupado de forma espontânea por tipologias habitacionais. Durante a década de 1970, apresentou a maior densidade bruta média da área urbana, favorecendo o uso comercial para rua Dr. João Dantas, integrando-se ao centro e trazendo vitalidade para a área com a presença de pequenos comerciantes e prestadores de serviços locais.

Os limites do Bairro foram sendo gradativamente ocupados, em razão da presença da linha férrea, paralelo ao Rio Catu, que delimita a área. O Bairro foi durante muito tempo abastecido com água do Rio Catu cujas margens eram utilizadas para lavar roupas e abastecimento. Neste momento, as ruas Pe. Godinho e Dr. João Dantas eram consolidadas como vias principais da cidade.

Com o passar dos anos, o bairro foi se tornando um dos mais populosos da cidade, segundo relatos dos moradores, passando a abrigar comércio e serviços de médio porte, como a presença de supermercados, serviços automotivos, lojas, posto

de combustível, entre outros (figura 6 e 7). De acordo com a população local mais antiga, o local tinha uma prática de realização de festas populares em épocas juninas, de cortejos, de festas religiosas chegando até a receber prêmios de rua mais animada patrocinados por emissoras de rádios locais.

Figura 6 – Rua Dr. João Dantas na década 1960.



Fonte: Autor desconhecido, dec. 1960.

Figura 7 – Rua Dr. João Dantas em 2018.



Fonte: Próprio autor, 2018.

Dessa forma, percebeu que a concentração comercial da cidade que atraiu consumidores de outras regiões favoreceu o surgimento do bairro a partir das rotas de passagem, fazendo com que o processo de consolidação acontecesse de forma acentuada proporcionando uma nova dinâmica urbana que vem sendo transformada até os dias atuais fortalecendo a noção de subcentro local.

4.2 Uso e ocupação do solo

O mapa de uso e ocupação do solo tem como finalidade identificar, classificar e mensurar os elementos que formam a morfologia do Bairro. Com este mapa foi possível reunir dados atuais e históricos do local da área de estudo. O Mapa de uso e ocupação do solo confirmou as observações empíricas e evidenciou a sua dinâmica com a diversidade de ocupação (Mapa 7).

Por ser um bairro próximo à cidade, o principal tipo de ocupação identificado foram predominantemente o uso residencial de padrão popular, sendo uma área demograficamente adensada não apontando um vetor de expansão urbana. Os lotes e edificações possuem dimensões diferenciadas, não existindo um padrão único de parcelamento do solo, o que dá à condição de ocupação espontânea do bairro.

As vias principais de circulação, ruas Dr. João Dantas e Pe. Godinho são onde se concentram atualmente os usos comerciais e de serviços de pequeno e médio porte, sendo o encontro dessas vias como um só caminho.

As ocupações próximas ao centro da cidade são predominantemente de serviços e na medida que se distancia do núcleo central que deu origem a cidade percebe-se a presença de uso misto nas ocupações. Os imóveis residenciais vão sendo modificados em função do uso comercial, não sofrendo alterações espaciais significativas, apenas a modificação das fachadas, evidenciando-se a descaracterização da morfologia inicial (figura 8).

Figura 8: Pontos comerciais no Bairro Santa Terezinha.



Fonte: próprio autor, 2018.

Verifica-se nas ruas principais estudadas possuem instalações de supermercados. São empreendimentos que comercializam produtos com alcance territorial regional de Alagoínhas e se articula dentro da própria cidade, dinamizando a economia local gerando trabalho e renda (figura 9).

Figura 9: Principais Supermercados no Bairro Santa Terezinha.



Fonte: Google Maps e próprio autor, 2018.

Nota-se nestas duas ruas um descompasso da dinâmica econômica espacial com relação às demais áreas do bairro, que ainda mantém a presença de sítios, galpões e grandes áreas situadas em locais periféricos e próximo às margens da

malha ferroviária, classificados na categoria de “outros usos”, na identificação de uso no mapa. Além disso, o mapa possibilitou o reconhecimento de áreas vazias nesta mesma localidade, caracterizada por ser grandes lotes, contrapondo a dinâmica central do bairro, caracterizada por um parcelamento fragmentado e consequentemente adensado.

Os equipamentos urbanos identificados foram, as escolas e presença de um centro cultural onde concentra projetos sociais que são vinculados a associação de moradores, como também o lazer e práticas esportivas, classificadas na identificação de uso no mapa na categoria “cultural e institucional”. Os equipamentos de saúde são reconhecidos através de clínicas populares e unidade básica de saúde, mas não são predominantes no bairro. As instituições religiosas são identificadas ao longo das ruas em estudo, e revela uma atração e concentração de pessoas nestes lugares.

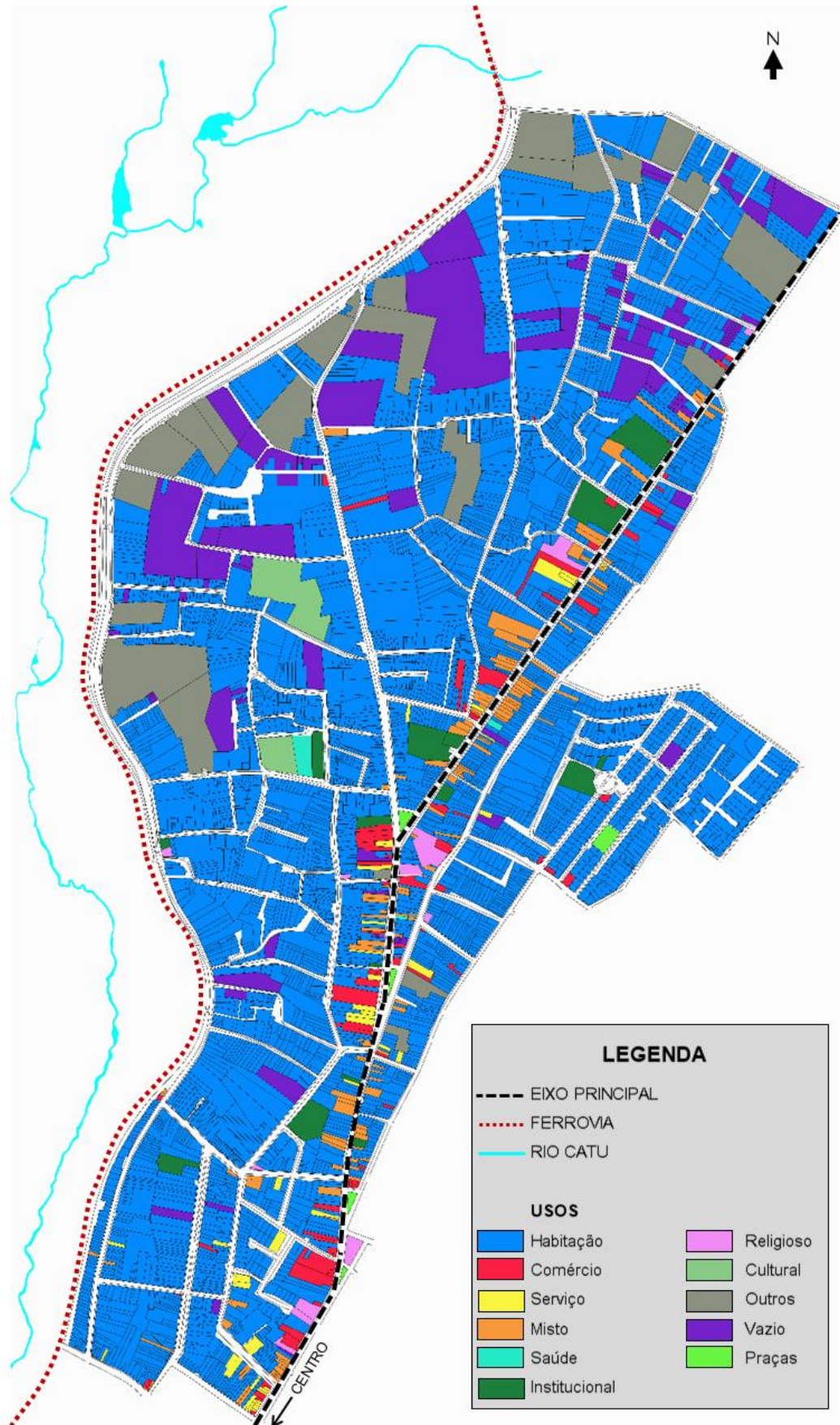
As praças identificadas cumprem a função de espaço público onde a população ocupa como forma de convívio coletivo, demonstrado com a presença de bares situados próximos e até mesmo nestes espaços, reforçando a vitalidade urbana no bairro.

Assim, recorrendo aos elementos da morfologia urbana descritos por Del Rio (1990), identificou-se que o Crescimento não promoveu grandes alterações físicas no período analisado, sem grandes modificações estruturais, apenas o crescimento nas vias principais, caracterizadas sob o ponto de vista comercial que se intensificou ao longo dos anos de maneira espontânea sem interferência nem a regulação do poder público municipal. O Traçado e parcelamento do solo se configuraram conforme os assentamentos residenciais foram sendo construídos durante seu processo histórico de expansão do centro durante o século XIX e início do século XX. As Tipologias dos elementos urbanos são predominantemente geminadas de porta e janela, possuindo até três pavimentos com uso misto: comercial e residencial. Há também presença de empreendimento de porte médios, como supermercados e clínicas populares. Por fim, as Articulações estabelecem uma hierarquia viária sendo as ruas Dr. João Dantas e Pe. Godinho como rotas principais de acesso e circulação do bairro, formado por um único caminho linear. A relação entre público e privado é evidente por se tratar de um bairro residencial adensado. O crescimento das ocupações e a presença do comércio e serviços têm levado as residências mais afastadas da concentração econômica ao isolamento com a construção de muros altos, fazendo desaparecer o vínculo social

entre a casa e a rua, restando as pequenas praças que existem na área para o cumprimento da função de espaço público democrático.

Dessa forma, podemos concluir que o bairro apresentou diversidade significativas em seu uso como resultado as novas funções que Alagoinhas desempenhou devido a sua atração polo-regional de concentração de comércio e serviços, proporcionando o surgimento do subcentro urbano, apresentado nas vias principais (ruas Dr. João Dantas e Pe. Godinho) do bairro Santa Terezinha.

Mapa 7 – Bairro Santa Terezinha – Uso e Ocupação do Solo



Fonte: Prefeitura Municipal de Alagoinhas, sem escala, adaptado pelo autor, 2018.

4.3 Percepção e Comportamento

O estudo da percepção ambiental é necessário para compreensão da experiência visual, entendendo o bairro a partir de um recorte espacial de lugar de experiências cotidianas, analisadas através de seus palcos de ações. As análises sobre os estudos do comportamento têm como objetivo contribuir para o desenho urbano baseado na identificação de imagens públicas e da memória coletiva.

Desse modo, durante as análises realizadas *in loco*, percebeu-se a vitalidade urbana nas praças que seguem ao longo da via principal em estudo que foram reconhecidas como palcos de ação essenciais para a requalificação da dinâmica e convívio social do bairro, dentro de um contexto que de diversidade de comportamentos.

Para compreender melhor a utilização dos usuários nestes palcos de ações, foram elaborados mapas comportamentais, no qual:

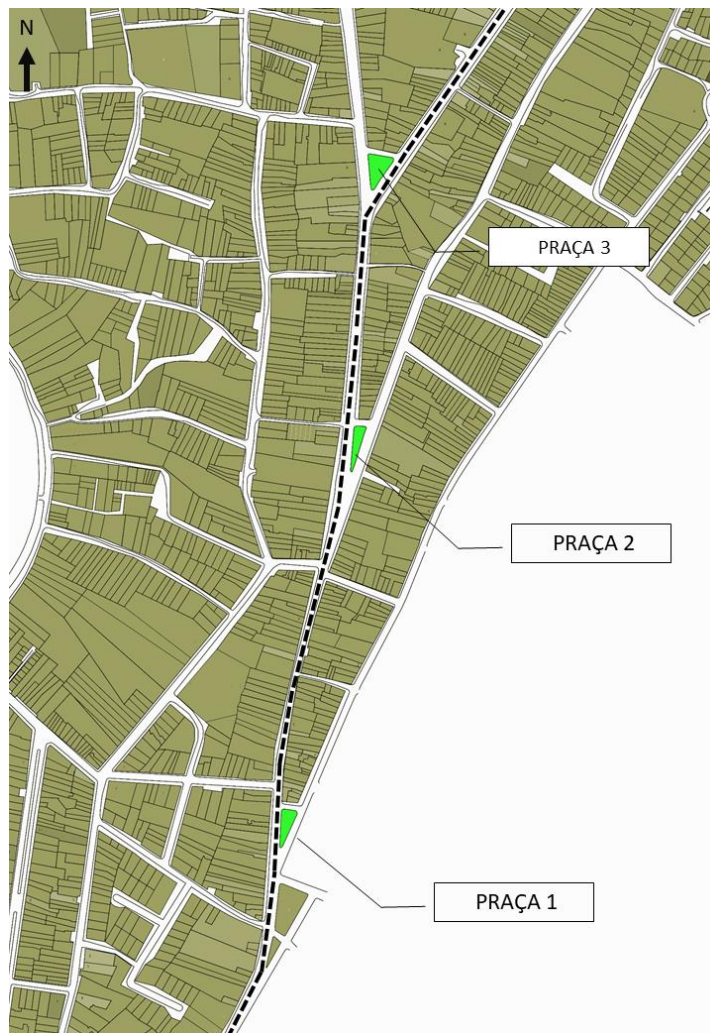
Corresponde à representação gráfica das localizações e comportamentos das pessoas no espaço, possibilitando a análise crítica dessas atividades e sua comparação com aquelas que estavam sendo planejadas para o local. Sendo uma técnica de pesquisa que explora a associação entre fenômenos comportamentais e o ambiente em que ocorrem, presta-se à avaliação ambiental de cunho social ou comportamental. (PINHEIRO, José Q. et al. 2008 p.83).

Segundo (PINHEIRO, José Q. et al. 2008, p.86) o mapeamento comportamental pode ser realizado em duas maneiras: centrado no lugar e centrado na pessoa. Quando é centrado no ambiente, se observa de que maneira que as pessoas se comportam naquele momento. E quando é centrado na pessoa, o foco consiste em observar indivíduos ou um grupo de indivíduos, seus percursos e modo de utilização do espaço. A escolha vai depender dos objetivos de estudo, se o objetivo é estudar um ambiente construído, a condicionante centrada no lugar é a mais indicada. Se o objetivo é analisar os indivíduos ou grupo em determinado ambiente, o observador deverá escolher a variante centrada na pessoa. É importante salientar que as duas formas de observação podem ser analisadas em conjunto, mas os resultados de cada uma podem resultar em aspectos complementares sobre a interação das pessoas com o ambiente em investigação. Para esta avaliação de comportamento foi utilizado o mapeamento centrado no ambiente.

Os ambientes investigados foram as três praças públicas localizadas ao longo das ruas Dr. João Dantas e Pe. Godinho. As três praças estudadas são configuradas

como um ponto de bifurcação para separação de acesso as ruas, portanto com uma grande dinâmica, com um fluxo intenso de pessoas (mapa 8).

Mapa 8 - Mapa de identificação dos palcos de ação ao longo do eixo principal

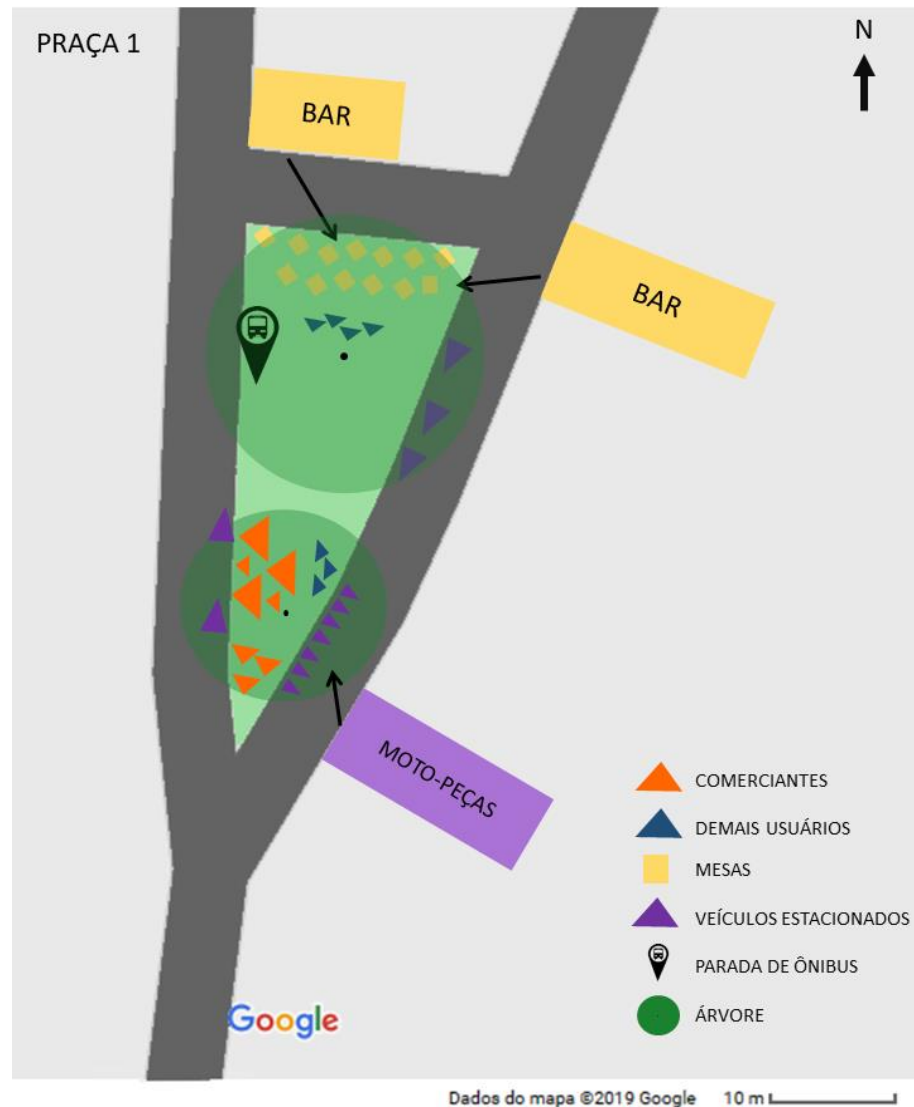


Fonte: Prefeitura Municipal de Alagoinhas, adaptado pelo autor, 2019.

Na primeira praça observada (mapa 9 e figura 10), notou-se a presença de árvores com copas que permitem o sombreamento completo das áreas de utilização. Costuma ser ocupada diariamente para comercialização de alimentos por vendedores ambulantes que usam o espaço como um ponto estratégico de vendas (figura 11). Nota-se a utilização praça também por parte dos bares, localizados nas proximidades com a presença de mesas e cadeiras para acomodação de seus clientes durante os finais de semana. Observa-se a existência de mobiliário infantil, mas em situação de abandono não sendo identificada a utilização por crianças. Há também nas vias que margeiam a praça uma intensa movimentação de veículos principalmente de motocicletas, por se situar próximo à praça uma oficina de serviços mecânicos especializado, atraindo veículos que permanecem estacionados em boa parte da

extensão da praça, o que dificulta a travessia de pedestres levando em conta a presença de uma parada de ônibus no local.

Mapa 9 - Mapa comportamental centrado no ambiente - Praça 1



Fonte: Google Maps adaptado pelo autor, 2019.

Figura 10: Visão geral da Praça 1



Fonte: Próprio autor, 2019.

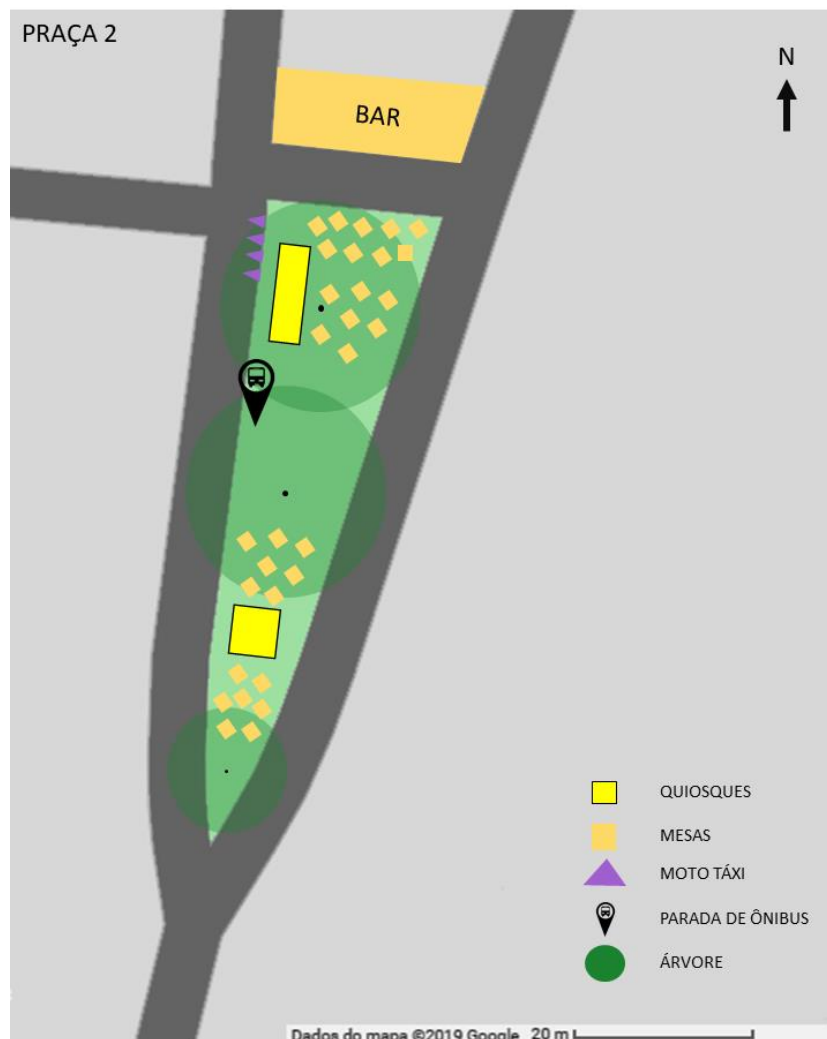
Figura 11: Vendedores ambulantes ocupando a praça 1.



Fonte: Próprio autor, 2019.

Na segunda praça observada (mapa 10), percebeu-se que sua ocupação é caracterizada na maior parte do seu espaço por mesas e cadeiras para acomodação de clientes dos quiosques gastronômicos instalados no local (figura 12). Durante a semana, a praça é pouco utilizada em decorrência da falta de mobiliário urbano disponíveis para os demais usuários. O uso da praça é monopolizado pelos quiosques para uso dos seus clientes. Portanto, a movimentação na área ocorre principalmente aos finais de semana quando acontece a comercialização gastronômica por partes destas instalações. Esta praça possui um ponto de parada de ônibus como também ponto de moto-taxistas. As árvores possuem uma copa alta que permitem o sombreamento do lugar, tornando-o um ambiente agradável.

Mapa 10 - Mapa comportamental centrado no ambiente - Praça 2



Fonte: Google Maps adaptado pelo autor, 2019.

Figura 12: Visão geral da Praça 2

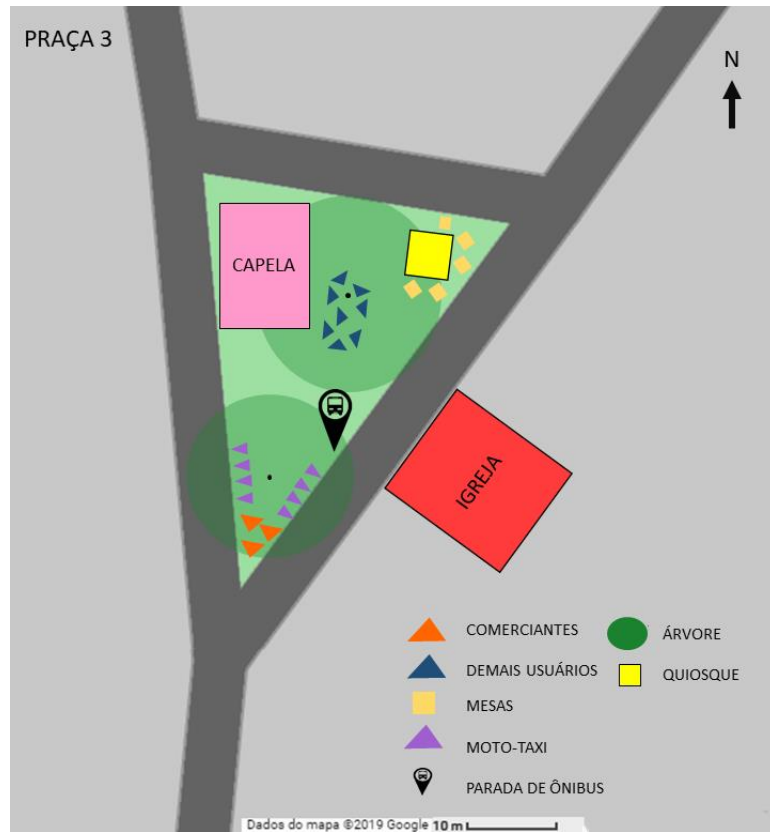


Fonte: Próprio autor, 2019.

O último palco de ação, a praça 3 (mapa 11) é caracterizada por abrigar uma capela religiosa, sendo uma das edificações mais antigas do bairro. Trata-se da primeira igreja católica construída no Bairro (figura 15).

Durante os dias de semana, notou-se uma presença maior de moto-taxistas a espera de passageiros. Há uma parada de ônibus e um quiosque gastronômico situados na parte posterior da praça que mantém certo fluxo de pessoas e usuários que se reúnem aos finais de tarde para partidas de jogos de tabuleiro, evidenciando o uso do espaço por parte dos moradores (figura 13). Assim, como na primeira praça, há também ocupação de comerciantes ambulantes de frutas em posição estratégica que permite que sejam visualizados pelos transeuntes (figura 14). Este tipo de atuação faz com que a praça se torne cada vez mais um ambiente diverso, que apesar de ter uma delimitação territorial menor que as outras praças analisadas, permite formas democráticas de uso do espaço possibilitando uma concentração variada de atividades.

Mapa 11 - Mapa comportamental centrado no ambiente - Praça 3.



Fonte: Google Maps adaptado pelo autor, 2019.

Figura 13: Usuários identificados na Praça 3.



Fonte: Próprio autor, 2019

Figura 14: Presença de comerciantes – Praça 3.



Fonte: Próprio autor, 2019.

Figura 15: Capela Santa Terezinha – Praça 3.



Fonte: Google Maps, 2019.

Gehl (2015, p.22) explica que “Atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre as pessoas no espaço público. Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece”. Devendo, portanto, considerar as praças identificadas como palco de ação como ambiente potenciais a fortalecer o comportamento de seus usuários, possuindo um importante papel na vida urbana e devem ser desenhadas como palcos para expressão cultural, interação social, celebração e manifestação pública.

5. NARRATIVAS

As narrativas surgem com base do uso da cartografia, definida por Deleuze e Guatarri (2004), afim de pesquisar de forma qualitativa as relações dos diversos atores sociais com o espaço que elas identificam como lugar. Com isso, foram realizadas entrevistas de forma semiestruturada, no qual se baseiam em listas com temas e questões a serem seguidas, formuladas a partir de observações informais e exploratórias.

Os principais atores sociais identificados foram os comerciantes locais, os moradores e instituições como a Prefeitura e Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito (SMTT). Estes últimos foram contatados sem haver retorno. Como forma de enfrentar essas dificuldades, foi realizada entrevista com o então presidente da Associação Comunitária Novo Horizonte - Santa Terezinha que tem sido atuante no bairro e possui boa relação com a atual prefeitura, o que possibilitou o esclarecimento de questões específicas sobre o local.

Sendo assim, foram estruturados três tipos de entrevistas referente a cada ator social a afim de obter um melhor entendimento sobre a transformação recente do Bairro. Ao todo foram dezenove pessoas entrevistadas. (Apêndice I, II e III)

Foram coletadas nove entrevistas com **moradores e presidente da associação de moradores** (Apêndice I e II) cujos resultados estão sistematizados a seguir:

Quanto tempo mora no bairro: Todas as pessoas entrevistadas nasceram ou passaram maior parte da vida morando no próprio bairro.

Crescimento do comércio: os moradores veem o crescimento do comércio na área como uma transformação positiva, afirmam que se desenvolveu consideravelmente comparado há dez anos, facilitou a geração de emprego e renda para moradores locais e a facilidade de acesso aos produtos básicos sem haver necessidade se deslocar até o centro da cidade, apenas em busca de serviços específicos. Como desvantagem dessa transformação, alguns citam a poluição sonora e dificuldades com o trânsito, como por exemplo atravessar a rua mesmo no período noturno.

Principais problemas urbanos identificados: os moradores identificaram como problemas a questão da falta de saneamento básico, pois nos períodos de muita chuva ocorre enchentes que têm como consequência a inundação de suas casas e perda de seus mobiliários; a iluminação pública é insuficiente, apesar de alguns entrevistados acharem satisfatória; a falta de acessibilidade nas calçadas foi uma questão unânime entre todos os entrevistados, que são forçados a andar junto ao acostamento da rua, afim de evitar os desníveis entre uma calçada e outra, como também presença de buracos; o trânsito de veículos nas vias principais (Rua Dr. João Dantas e Pe. Godinho) tem sido caótico em determinados dias e horários, com engarrafamentos, carga e descarga de veículos pesados em horários de pico, dificultando a travessia de pedestres; o desconforto ambiental provocado pela falta de sombreamento nas ruas que tem aumentado a sensação de calor; a falta de segurança com o movimento de pessoas fora do horário comercial e a falta de policiamento local.

Principais lembranças: os moradores têm como lembrança do Bairro Santa Terezinha um maior convívio social por causa dos festejos populares que aconteciam anteriormente e que hoje vem se perdendo esta tradição. Foram citadas as festas juninas que ficaram marcadas na lembrança dos moradores pela conquista do prêmio de rua mais animada da cidade, a festa da mocidade e eventos religiosos, como por exemplo, festa da padroeira do bairro e a procissão da igreja católica. Os moradores adultos e os aposentados lembram de jogar futebol na rua, como forma de lazer com os demais vizinhos. Os muros das casas eram mais baixos, o que permitia um maior contato visual da rua e conversas na calçada entre os moradores.

Sugestões para melhoria da qualidade do bairro: os entrevistados sugeriram a construção de escolas, creches, o desenvolvimento de projetos de inclusão social,

a implantação de saneamento básico; a criação de uma base comunitária da Polícia Militar da Bahia, a organização do trânsito, a promoção da segurança, a criação de vagas para veículos junto aos supermercados com introdução de estacionamento próprio; a construção de parques infantis, praças públicas, a introdução de serviços especializados (bancos); a melhoria da iluminação pública, e finalmente, a introdução de um sistema de transporte público mais eficiente.

Foram realizadas dez entrevistas com os **comerciantes locais** (apêndice III) cujos resultados são apresentados a seguir:

Tempo de atuação no bairro: De acordo com as respostas, os pontos comerciais variam de 1 mês a 32 anos de atuação. A maioria dos entrevistados são residentes do próprio bairro.

Tipo de comércio/serviço: os pontos comerciais entrevistados foram: loja de confecções; bar; autopeças e acessórios para veículos; loja de material de construção; supermercado e atacado; restaurante; e loja de utilidades para o lar.

Principal motivo que levou abrir o negócio: a maioria dos entrevistados citou como motivo o fato de estar desempregado, como também, por já possuir lojas do mesmo ramo no mesmo bairro ou cidades vizinhas, e por trabalhar na área como funcionário de outras empresas.

Último emprego/ocupação: dentre os entrevistados as ocupações principais eram de motorista de empresa terceirizada, trabalhadores do setor da construção civil, eletricitista, mecânico; cabeleireira, costureira, atendente, militar do exército e aposentado.

Clientes: os entrevistados dizem que seus clientes são de lugares bem diversificados, a maioria reside no próprio bairro, outros bairros diferentes da cidade e até mesmo de cidades circunvizinhas.

Problemas urbanos: os problemas urbanos percebidos pelos comerciantes foram semelhantes aos dos moradores entrevistados, tais como, por exemplo, acessibilidade; mobilidade insuficiente; devido à falta de organização e sinalização do trânsito; iluminação pública; poluição sonora; e segurança por falta de ronda policial no bairro.

Sugestões para melhoria do bairro: as propostas apresentadas foram de adequação das calçadas em todo o bairro; de melhorar a organização e a sinalização do trânsito; saneamento básico; criação de “rua compartilhada” utilizando único sentido da via a fim de evitar congestionamento de veículos e segurança aos pedestres; iluminação no nível do pedestre; e sombreamento, apesar de alguns não concordarem com a plantação de árvores nas ruas principais.

Percebe-se diante da realidade empírica dos atores sociais, que o bairro Santa Terezinha tem se estruturado e se transformado por conta da sua nova função estabelecida. A dinamização do local contribuiu para os moradores e comerciantes na sua forma de se relacionar com o bairro em razão da facilidade de acesso e comercialização aos bens de consumo que fortaleceu a economia local através da obtenção de trabalho e renda. Evidenciou-se também, que o crescimento comercial afetou indiretamente a dinâmica urbana do local com a atração de demais pessoas residentes de outros bairros e cidades circunvizinhas como alternativa ao centro da cidade.

Isso trouxe como consequência, problemas urbanos que gerou descompasso que atendessem uma nova dinâmica urbanística relacionadas a mobilidade, acessibilidade, conforto ambiental e paisagísticos, não levados em conta para a gestão municipal.

E, portanto, as manifestações culturais apesar de não acontecer como em anos anteriores, elas contribuem para a identificação do bairro perante o imaginário coletivo das pessoas, que podem vir auxiliar a um resgate cultural transformando em um patrimônio imaterial da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS POSSÍVEIS?

O desenvolvimento deste trabalho contribui para a confirmação da proposta metodológica inicial que define para a análise da intervenção urbanística em cidades médias levando em conta a formação espacial, centralidade e morfologia. As novas funções urbanas emergentes colocam em xeque a velha morfologia dos bairros residenciais de Alagoinhas, exigindo a adequação às novas funções que estão surgindo, demandando respostas no traçado da cidade de modo a se adaptarem a nova realidade. Dessa forma, deve ser incorporado ao urbanismo contemporâneo – Novo Urbanismo, Urbanismo Sustentável, Urbanismo Tático, Urbanismo Criativo, Urbanismo Colaborativo, Urbanismo Inteligente entre tantas outras denominações para a qualificação da intervenção urbana – noções da dinâmica espacial, da centralidade urbana e dos aspectos morfológicos.

A dinâmica espacial de Alagoinhas define o município e sua sede como um centro regional dependente da capital Salvador, inserida na nova economia financeira, neoliberal globalizada. Nesta perspectiva, a economia local do município fica limitada as especificidades complementares da economia estadual que por sua vez está inserida na dinâmica nacional globalizada. Tal situação, sem dúvidas cria uma hierarquia urbana perversa que reduz o crescimento da cidade e ao mesmo tempo drena, através do consumo, as riquezas produzidas. Dessa forma, percebe-se um crescimento urbano fragmentado que tem fortalecido antigas localidades consolidando-as como um subcentro urbano de consumo. Neste estudo, destaca-se nessa nova centralidade o fortalecimento da via urbana comercial que se desenvolve ao longo das ruas Dr. João Dantas e Pe. Godinho.

A nova centralidade marcada pelo eixo comercial em estudo não promoveu mudanças significativas no tecido urbano, embora se perceba uma flexibilização do uso habitacional que passa a conviver com o uso comercial e serviços acompanhada pela descaracterização, principalmente, das fachadas dos imóveis alterando a velha imagem do bairro.

Para responder as demais questões complementares que direcionaram este trabalho buscando explicar as transformações da morfologia do local, concluiu-se diante das narrativas, nesse ponto, a percepção dos atores sociais expressa a satisfação com as novas oportunidades econômicas que se apresentam, atraindo consumidores de outras localidades, mas paradoxalmente reclamam do trânsito, da

violência e da falta de manutenção dos espaços públicos pela prefeitura. Nesse novo contexto, as praças do bairro passam a serem ocupadas por ambulantes e como extensão dos bares. Os novos comerciantes residem no próprio bairro, que se sentiram atraídos em função da dinâmica emergente. Portanto, a intensificação do centro da cidade não motivou comerciantes de outros locais a se deslocarem, por isso demonstra uma autonomia desse local. E por fim, a crise econômica que trouxe como consequência o desemprego favoreceu para que esses moradores buscassem alternativas de obtenção de renda utilizando sua moradia como ponto comercial.

Uma proposta de reordenação urbanística para o bairro Santa Terezinha deve levar em conta, além das intervenções morfológicas, o fortalecimento da autonomia das atividades implantadas com relação a economia regional, nacional e global, no sentido de criar uma nova dinâmica que possibilite a distribuição mais equilibrada da riqueza. É importante que a proposta preserve relações, laços e hábitos que protejam o patrimônio privado e público da comunidade local. Assim, destacam-se como fundamentos da proposta urbanística:

1. Fortalecimento das associações locais (de bairro, comerciais, etc.);
2. Formação de cooperativas contemplando trabalho e renda do bairro;
3. Criação de um núcleo comunitário democrático de gestão e controle social do bairro;
4. Transformação das demandas urbanas tais como, limpeza urbana e segurança, em nichos econômicos voltados para investimentos locais.

Devem ser considerados como complemento aos fundamentos propostos, a história da formação urbana de Alagoinhas e suas relações com o restante da região, com o foco na história recente do bairro. Nesse sentido, destacam-se os seguintes aspectos:

1. A geografia do lugar tendo como elemento fundamental o Rio Catu que possibilitou o crescimento do bairro. Recomenda-se a elaboração de um plano de monitoramento permanente da qualidade da água do rio e um plano de educação ambiental como medida preventiva à poluição e o desmatamento da mata ciliar sofrida durante o processo de ocupação urbana.

2. A implantação da ferrovia como patrimônio histórico da cidade sendo preservado a partir da revitalização da sua malha desativada, possibilitando a implantação de um parque linear, que valorize e contemple a paisagem local;
3. A ocupação espontânea e sua dinâmica cultural.

Assim como também, devendo levar em conta a percepção dos usuários do bairro estudados pelos moradores, comerciantes e organização social, de acordo com a perspectiva de Del Rio (1990) sobre sua morfologia urbana. Nesse sentido destacam-se as seguintes aspectos e demandas estruturantes:

1. Os espaços públicos: as vias e calçadas das Ruas Dr. João Dantas e Pe. Godinho, estabelecidos como percursos, classificados como principal elemento estruturador da percepção ambiental. Pois, é no momento que os usuários percebem o bairro, se deslocando pelos caminhos. Não apenas estruturam a experiência cotidiana, mas também organizam os demais elementos da imagem do bairro.

Como solução ao problema do trânsito, é proposto uma medida de mobilidade dinamizando o fluxo de veículos, que atualmente é organizado como via de mão dupla, e propondo alteração para o uso de único sentido da via, utilizando a rua paralela à rua Pe. Godinho como sentido oposto, conforme destacado no mapa 13. Propõe também a adequação das calçadas promovendo a acessibilidade universal para pedestres com dificuldade de locomoção, a partir de instalações adequadas de faixas de piso tátil, rampas para mudanças de níveis e semáforos sonoros nos cruzamentos.

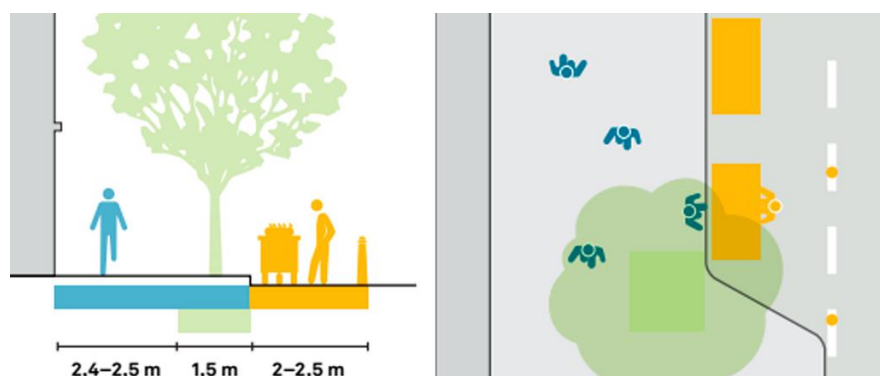
Mapa 13: Proposta de organização do trânsito



Fonte: Prefeitura municipal de Alagoinhas, adaptado pelo autor, 2019.

2. Legibilidade: um ambiente legível oferece segurança e possibilita uma experiência urbana mais intensa, uma vez que a cidade explore seu potencial visual e expresse toda a sua complexidade. Utiliza-se o Guia do Global de Desenho de Ruas elaborado pela National Association of City Transportation Officials (NACTO) como parâmetro de desenho de vias para a criação de ruas que favoreçam espaço de qualidade garantindo uma circulação mais segura para seus usuários. Dessa forma, adota-se medidas que potencializem o bairro sendo elas, as atividades de comércio de rua, sendo gerador da vitalidade urbana que estimulam as economias locais e tornam as ruas mais habitáveis e atrativas para os moradores.

Figura 16: Vendedores na zona de calçada estendida.



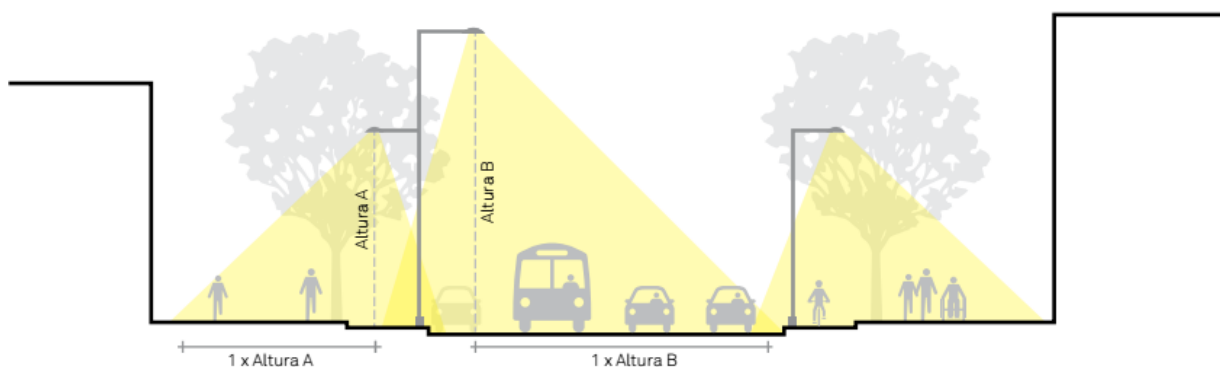
Fonte: NACTO, 2018.

Neste exemplo (figura 16), utiliza-se alguns trechos das faixas de estacionamento junto ao meio-fio permitindo ser designados a atividades comerciais. Os vendedores podem ser intercalados com carros estacionados para ajudar a oferecer uma beirada ativa às calçadas e, ao mesmo tempo, preservar a faixa livre para os pedestres. A proteção vertical sob forma de balizadores, vasos de plantas ou delineadores garantem a segurança destes usuários.

A melhoria da iluminação pública pode contribuir para a qualidade de vida, criando ruas convidativas e promovem sensação de segurança para seus usuários. A disposição das luminárias deve ser de forma a proporcionar uma iluminação uniforme nas vias e calçadas. As alturas de postes padrão de calçadas e ciclovias medem entre 4,5 metros e 6 metros. Os postes de iluminação viária variam de acordo com a tipologia da rua e o uso do solo (figura 17).

Na maioria dos casos, a altura padrão para ruas estreitas em locais residenciais, comerciais e históricos varia entre 8 metros e 10 metros. O espaçamento entre os postes de iluminação corresponde normalmente a 2,5 a 3 vezes a altura da luminária. Uma única linha de postes pode ser suficiente para iluminar uma rua estreita, enquanto ruas mais largas podem demandar diversas linhas.

Figura 17: Proposta para iluminação pública



Fonte: NACTO, 2018.

E por último, como forma de proporcionar novas experiências aos usuários, deve-se estabelecer fases e estratégias de intervenção urbana para apresentar a comunidade soluções a serem tomadas a partir de materiais temporários de fácil remoção e de baixo custo, pois garantem uma maior facilidade de aprovação das pessoas. Essas soluções experimentais possibilitam estabelecer comparativos de

antes e depois demonstrando qual ideia funcionou ou não, sendo alterado em função do seu desempenho. Portanto, essa proposta de intervenção permite orientar soluções a serem adotadas a longo prazo transformando o desenho em remodelações permanentes (figura 18 e 19).

Figura 18: Projeto Cidade da Gente em Fortaleza.



Fonte: Universidade de Fortaleza, 2018.

Figura 19: Dinâmica social durante o projeto Cidade da Gente em Fortaleza.



Fonte: Universidade de Fortaleza, 2018.

3. Comportamento: recomenda-se utilizar as três praças objeto de estudo estendendo seus limites físicos com as ruas circundantes e transformando-a em espaços que contemplem a ideia de rua compartilhada, propondo a utilização durante os finais de semana. Quando removidas as distinções formais entre os espaços dedicados a pedestres, ciclistas e veículos, a rua compartilhada por todos e a relação com os demais se torna mais consciente e respeitosa.

As ruas compartilhadas nesses locais foram consideradas por possuir uma alta atividades de pedestres, principalmente pela presença de vendedores ambulantes que utilizam as calçadas das praças para realizar seus negócios diários fornecendo serviços convenientes aos transeuntes e utilizado como extensão de bares, como apropriação coletiva. A remodelação destes espaços além de proporcionar a vitalidade urbana, também podem oferecer demais atividades no espaço da rua, como por exemplo, atividades culturais (figura 20 e 21).

Figura 20: Rua compartilhada na Exhibition Road – Londres.



Fonte: Ponto eletrônico, 2011.

Figura 21: Rua compartilhada na Fort Street, Auckland – Nova Zelândia.



Fonte: SAMPAPÉ, 2017.

Aplica-se assim, os conceitos de pontos nodais e marco visual nesses locais por serem pontos estratégicos no bairro, onde o observador pode entrar e se relacionar, como também, possuir uma característica singular na qual a vitalidade desses lugares crie uma referência constante ao usuário, que se destaca na paisagem local.

Portanto, a conclusão deste trabalho objetivou a compreensão dessas transformações como resultado da dinâmica central, espacial e regional da cidade de Alagoinhas. Essa dinâmica gerou impactos que transformasse o Bairro Santa Terezinha exigindo novas contribuições para o seu planejamento e ordenamento do seu ambiente construído, e por isso, não houve um projeto de intervenção urbana definitivo sem que antes envolvesse a colaboração da comunidade local em sua totalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Mayara Mychella Sena. **Alagoinhas na dinâmica da espacialidade funcional da região Litoral Norte da Bahia**. 172f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. 1º edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- _____. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- _____. **A Cidade**. 8º Edição. São Paulo: Contexto, 2005.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- COMPANHIA ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO (Bahia); CONSORCIO SERETE/INCREMENTA (São Paulo). **Plano Diretor Urbano da Cidade de Alagoinhas**. Salvador: [s.n.], 1977. [s.p.].
- Del Rio, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.
- GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. Trad. Anita Di Marco. 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- LIMA, Keite Maria S. N. **ENTRE A FERROVIA E O COMÉRCIO: Urbanização e Vida Urbana em Alagoinhas (1868-1929)**. 148f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: WMF Martins Fontes: São Paulo, 2011.
- LEFEBVRE, Henry. **O Direito a Cidade**. 5ª Edição. São Paulo: Centauro, 2009.
- _____. **A Revolução Urbana**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

NACTO (National Association of City Transportation Officials). **Guia Global de Desenho de Ruas**. 1ª Edição. São Paulo: SENAC, 2018.

Pinheiro, J. de Q, & Günther, H. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

SERPA, Ângelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In CARLOS, A.F.; SOUZA, M.L.; SPOSITO, M.E.; (Org.). **A produção do espaço urbano; agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana**. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org). 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUZA, Fernando A. S. **Centralidade urbana e o papel das cidades médias brasileiras: o novo lugar de conflito e do contraditório na era neoliberal**. In: IV Seminário internacional invisibilidade e contradições no urbano. João Pessoa, 2013.

SOUZA, Uinnie. F. S. **Educação Ambiental e preservação da água do Rio Catu Alagoinhas - BA**. Medianeira, 2018. 45p. Monografia de Especialização. Especialização em Gestão Ambiental de Municípios da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, 2018.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). **Perfil dos Territórios de Identidade**. Volume 2. Salvador: SEI, 2016.

UNEB. **Campus II Celebra 40 Anos De Ensino Superior Em Alagoinhas**. 2012. Disponível em: <<http://www.uneb.br/alagoinhas/dedc/print/2012/03/06/mensagem-campus-ii-celebra-40-anos-de-ensino-superior-em-alagoinhas/>>, acesso em 18 de agosto de 2018.

SABOYA, Renato. **Kevin Lynch e a imagem da cidade**. 2008. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2008/03/kevin-lynch-e-a-imagem-da-cidade/>>. Acesso em: 16 de agosto de 2018.

FUNDAÇÃO IRACI GAMA. **A verdade sobre a FIGAM e as estações ferroviárias**. 2012. Disponível em: <<http://figam-fundacaoiracigamadecultura.blogspot.com/2012/08/a-cidade-de-alagoinhas-foi-se.html>>. Acesso em: 07 de agosto de 2018.

OBSERVATÓRIO DO TRABALHO. **Consultas – Territórios de Identidade**. Não paginado. Disponível em: <<http://geo.dieese.org.br/bahia/territorios.php>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2019.

Universidade de Fortaleza (UNIFOR). **Projeto Cidade da Gente revitaliza o entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.** Disponível em: <<https://www.unifor.br/web/osv/projeto-cidade-da-gente-revitaliza-o-centro-dragao-do-mar-de-arte-e-cultura>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

SAMPAPÉ. **Manual de Ruas Compartilhadas.** Disponível em: <https://issuu.com/sampape/docs/ruascompartilhadas_portugues>. Acesso em 25 de março de 2019.

PONTO ELETRÔNICO. **Ruas Compartilhadas.** Disponível em: <<http://arquivo.pontoeletronico.me/2011/11/15/rua-compartilhada/>>. Acesso em 25 de março de 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Disciplina	Trabalho de conclusão de curso II	Código	ARQUI 0068	Semestre	2018.2
Aluno	Ueslei dos Santos Souza				
Orientador	Fernando Antônio Santos de Souza				

Questionário de Entrevistas direcionado ao presidente da Associação Comunitária Novo Horizonte do bairro Santa Terezinha Alagoinhas – BA

O presente questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, que tem como tema: **Transformações nos últimos 20 anos da morfologia urbana do bairro Santa Terezinha, Alagoinhas – BA**. Cujo o objetivo deste trabalho é analisar as transformações morfológicas urbanas nos últimos 20 anos e sua articulação com o município de Alagoinhas.

A entrevista se dará de forma semi-estruturada, no qual se baseiam-se em lista com temas e questões a serem seguidas, formuladas a partir de observações ou entrevistas informais e exploratória.

1. Quem é você?

Fábio Moraes, atual presidente da Associação Comunitária Novo Horizonte, no bairro Santa Terezinha.

2. Como você vê o crescimento do comércio hoje no bairro Santa Terezinha?

Acho o desenvolvimento muito importante para o bairro, porque gera oportunidade de empregos para os próprios moradores locais. Na minha visão, o bairro com o crescimento, se tornou uma cidade dentro da cidade de Alagoinhas, mesmo sendo próximo ao seu centro e a tendência é ser um centro comercial forte. A gestão atual da prefeitura tem a intenção de tornar a rua principal numa avenida, através de uma requalificação urbana para organizar o fluxo de pessoas e resolver a situação do trânsito que hoje se encontra numa situação caótica.

3. Você percebe que houve um crescimento espontâneo do comércio?

Acho que sim, feito pelos próprios moradores. As redes de supermercado presentes no bairro fizeram com que crescessem bastante, que hoje nenhum outro bairro de Alagoinhas, que a nível de comércio de supermercados como o do bairro Santa Terezinha.

4. Quais problemas urbanos (Infraestrutura) você percebe no bairro Santa Terezinha? (iluminação, acessibilidade, conforto ambiental, segurança, trânsito, etc.)

*Sobre **segurança**, Santa Terezinha e Barreiro foram os bairros que ficaram com os maiores índices de violência em anos anteriores. A associação solicitou ao governo do Estado, em 2015 a implantação de uma base comunitária de segurança da Polícia Militar para o bairro, continuamos aguardamos respostas. O que eu percebo que está diretamente ligado a **iluminação** pública, que até mesmo na rua principal carece de uma melhor iluminação, isso também já foi solicitado ao poder público onde vai se fazer um novo estudo através da secretaria municipal de serviços públicos. Temos as problemáticas das poligonais (**saneamento**), que servem para captar as águas das chuvas e evitar as enchentes, que tem sido um problema recorrentes dos moradores que já tiveram suas casas inundadas e moveis perdidos.*

Acessibilidade, há calçadas bastante irregulares, mas que as novas obras que estão sendo executada, existe a preocupação em instalar calçadas niveladas e com piso tátil, para facilitar o acesso aos cadeirantes e idosos.

5. O que a associação de moradores e a prefeitura tem feitos para minimizar tais problemas?

A associação através de cobranças, abaixo-assinado, reuniões foram possíveis estabelecer um diálogo com a prefeitura que tem como resultado as obras de infraestrutura em geral.

6. Existe projetos sociais acontecendo no bairro? Quais são eles?

Nós temos o CRAS, que fica na praça do CeU, no qual existem projetos sociais vinculado ao SEMAS onde tem membros da diretoria da associação que fazem parte do grupo gestor. Ali existem diversos projetos para todas as idades.

7. Acontece algum tipo de manifestação cultural e popular atualmente no bairro?

Houve um cortejo durante o período junino com bandas organizado pela associação.

Há um interesse por parte da associação em resgatar alguns festejos que foram deixados de lado como por exemplo, a festa da mocidade, que se tratava numa festa que falava muito sobre o bairro.

8. Existem territórios, delimitados como espaços de defesa que são controlados por indivíduos ou grupos? (ganges, tribos, prostituição, etc.)

Sim, existem gangues e facções que estão situados em locais mais afastados do centro do bairro.

9. Quais são suas sugestões para melhorar a qualidade do bairro?

Continuar com os trabalhos que estão sendo realizados graças a pressão da associação que tem sido um articulador entre a comunidade e o poder público.

APÊNDICE II

Disciplina	Trabalho de conclusão de curso II	Código	ARQUI 0068	Semestre	2018.2
Aluno	Ueslei dos Santos Souza				
Orientador	Fernando Antônio Santos de Souza				

Questionário de Entrevistas direcionado aos moradores do bairro Santa Terezinha Alagoinhas – BA

O presente questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, que tem como tema: **Transformações nos últimos 20 anos da morfologia urbana do bairro Santa Terezinha, Alagoinhas – BA**. Cujo o objetivo deste trabalho é analisar as transformações morfológicas urbanas nos últimos 20 anos e sua articulação com o município de Alagoinhas.

A entrevista se dará de forma semi-estruturada, no qual se baseiam-se em lista com temas e questões a serem seguidas, formuladas a partir de observações ou entrevistas informais e exploratória.

1. Quem é você?

2. Há quanto tempo mora no bairro?

3. O que você acha do crescimento do comércio nas ruas Pe. Godinho e Dr. João Dantas, no bairro Santa Terezinha?

- 4. Quais problemas urbanos (Infraestrutura) você percebe no bairro Santa Terezinha? (iluminação, acessibilidade, conforto ambiental, segurança, trânsito, etc.)**

- 5. Quais são suas principais lembranças que você tem do bairro Santa Terezinha?**

- 6. Quais seriam suas sugestões para melhorar a qualidade do bairro?**

APÊNDICE III

Disciplina	Trabalho de conclusão de curso II	Código	ARQUI 0068	Semestre	2018.2
Aluno	Ueslei dos Santos Souza				
Orientador	Fernando Antônio Santos de Souza				

Questionário de Entrevistas direcionado aos comerciantes do bairro Santa Terezinha Alagoinhas – BA

O presente questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, que tem como tema: **Transformações nos últimos 20 anos da morfologia urbana do bairro Santa Terezinha, Alagoinhas – BA**. Cujo o objetivo deste trabalho é analisar as transformações morfológicas urbanas nos últimos 20 anos e sua articulação com o município de Alagoinhas.

A entrevista se dará de forma semi-estruturada, no qual se baseiam-se em lista com temas e questões a serem seguidas, formuladas a partir de observações ou entrevistas informais e exploratória.

1. Quem é você?

2. Há quanto tempo mora no bairro?

3. Qual seu tipo de comércio/serviço?

4. Qual sua motivação que levou a abrir esse negócio?

5. Qual foi seu último emprego/ocupação antes de montar seu negócio?

6. Quem são seus clientes?

7. Quais problemas urbanos você percebe no bairro Santa Terezinha?

8. Quais seriam suas sugestões para melhorar a qualidade do bairro?

